



Universidade de Brasília — UnB

Instituto de Letras — IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas — LIP

VALMIR ALVES DA SILVA JÚNIOR

**TRÊS VEZES SÃO PAULO:
LITORAL, CAPITAL E INTERIOR**

BRASÍLIA
2024

VALMIR ALVES DA SILVA JÚNIOR

TRÊS VEZES SÃO PAULO:

LITORAL, CAPITAL E INTERIOR

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo curso de Letras Português e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

BRASÍLIA
2024

Dedico todo e qualquer trabalho acadêmico ao meu noivo Marvin Kenji.

AGRADECIMENTOS

Dentro da Universidade de Brasília, inicio agradecendo aos meus amigos de curso, Sem a presença essencial de Biancão, Letícia, Marcello, Anderson, Rafaela, Emily, Lorena, Júlia e Kennedy, a UnB teria sido um espaço inóspito. Ainda no âmbito acadêmico, sou profundamente grato a Guilherme e Natália, que me ampararam nos momentos em que precisei retornar a um lugar que nunca pude verdadeiramente chamar de lar. Meus colegas de trabalho na Secretaria CIC também merecem reconhecimento, pois tornaram os dias laborais menos opressivos. Aos amigos Bruna, Gustavo, Carol e Bianca, meu sincero agradecimento por trazerem conforto e felicidade nas tardes que partilhamos. E, por fim, uma gratidão especial à minha orientadora, Ulisdete Rodrigues, que me guiou com sabedoria e serenidade ao longo deste processo.

Fora dos muros da universidade, meu coração se volta aos meus maiores companheiros, Soraya Gonçalves e Igor Sudo. Eles estiveram ao meu lado desde o início da jornada – do primeiro áudio em francês até este exato momento – e sei que continuarão comigo pelos muitos anos que virão. Aos meus velhos amigos de Santos, sou imensamente grato, pois foram eles que moldaram o Val capaz de encarar o desafio de uma universidade em outro estado. Agradeço, também, ao meu mais doce amigo, Maxsuell, que infelizmente não estará presente para ver minha formatura, mas cuja essência carrego comigo, sentindo que parte dele vive em mim.

Minha mãe, Leonice Josefa da Silva, e minha irmã, Valclécia Alves da Silva, são as forças que me sustentam. Cada pedaço de mim que clama por elas me fez grande, e reconheço essa grandeza ao sentir os olhares ternos e calorosos daquelas que me inspiraram com sua gentileza, educação e valentia. Através desses ícones de força, sinto-me finalmente forte.

Ao meu noivo, meu futuro marido, devo um agradecimento profundo por me fazer abraçar o ambiente acadêmico de tal forma que consegui superar a síndrome do impostor. Hoje, acredito que esse espaço é meu, não apenas por direito, mas por insurgência. O pertencimento talvez nunca me tenha sido natural, mas reivindico meu lugar, não acima nem abaixo, mas em pé de igualdade dentro da academia. E sei que isso é o suficiente para a revolta dos demais.

Por fim, meus agradecimentos também vão àqueles pequenos seres que, mesmo sem seus nomes mencionados, me impulsionaram em momentos em que o amor sozinho não bastava.

Obrigado por testemunharem minha vingança contra a falta de sorte.

*Para entender o que o outro diz, não
basta entender suas palavras, mas
também seu pensamento e suas
motivações.*
Lev Vygotsky

RESUMO

O presente estudo investiga os alofones da vibrante /R/ em coda silábica, em três regiões do estado de São Paulo: litoral, capital e interior. A pesquisa examina as variações fonéticas sob uma perspectiva sociolinguística e geossociolinguística, focando no impacto social e cultural das diferentes formas de pronúncia do /R/ nessas localidades. Além disso, explora a autopercepção dos falantes e as consequências sociais das variações dialetais, como estigma e privilégio linguístico. Através de análises qualitativas, o trabalho identifica como as influências históricas, geográficas e sociais moldam os dialetos paulistas e sua percepção dentro da comunidade. principais referências para este estudo são as teorias de variação linguística de William Labov, que destacam a relação entre a linguagem e a estrutura social, além de trabalhos sobre preconceito linguístico, como os de Oushiro, que investigam a estigmatização de variantes regionais. O estudo conclui que a variação no uso do /R/ pode ser um fator de exclusão social, mas também um elemento de afirmação identitária para os falantes.

Palavras-chave: variação linguística, alofones de /R/, dialetos paulistas, geossocio-linguística, estigma linguístico.

ABSTRACT

The present study investigates the allophones of the vibrant /R/ in syllable-final position in three regions of the state of São Paulo: coastal, capital, and interior. The research examines phonetic variations from a sociolinguistic and geosociolinguistic perspective, focusing on the social and cultural impact of different /R/ pronunciations in these localities. Additionally, it explores speakers' self-perception and the social consequences of dialectal variations, such as linguistic stigma and privilege. Through qualitative analysis, the study identifies how historical, geographical, and social influences shape the dialects of São Paulo and their perception within the community. The main references for this study are William Labov's theories of linguistic variation, which highlight the relationship between language and social structure, as well as works on linguistic prejudice, such as those by Oushiro, which investigate the stigmatization of regional variants. The study concludes that variation in the use of /R/ can be a factor of social exclusion but also an element of identity affirmation for speakers.

Keywords: linguistic variation, /R/ allophones, São Paulo dialects, geosociolinguistics, linguistic stigma.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 UM BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DO DIALETO PAULISTA	11
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	15
2.1 METODOLOGIA	18
2.1.1 — HIPÓTESES DE PESQUISA	19
2.1.2 — REQUISITOS.....	20
2.1.3 — SELEÇÃO DE PARTICIPANTES, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	20
3 SÃO PAULO EM TRÊS TEMPOS	22
3.1 PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA DO LITORAL	22
3.2 PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA DA CAPITAL (CAPITAL/GUARULHOS).....	24
3.3 PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA DO INTERIOR (LARANJAL PAULISTA).....	25
4 AUTOPERCEPÇÃO LINGUÍSTICA CENTRADA NO FALANTE.....	27
4.1 REGIÃO LITORÂNEA	27
4.1.1 FELIPE, 39 ANOS, TRADUTOR, SANTOS	27
4.1.2 VALCLÉCIA, 30 ANOS, FOTÓGRAFA, SANTOS.....	28
4.2 REGIÃO DE SÃO PAULO CAPITAL.....	28
4.2.1 VITÓRIA, 25 ANOS, ESTUDANTE DE PSICOLOGIA, SÃO PAULO	28
4.2.2 DENNYS, 23 ANOS, ESTUDANTE DE AUDIOVISUAL, SÃO PAULO.....	29
4.3 INTERIOR PAULISTA	29
4.3.1 MÁRCIO, 23 ANOS, ESTUDANTE DE DIREITO, LARANJAL PAULISTA.....	29
4.3.2 THAÍS, 23 ANOS, DENTISTA, LARANJAL PAULISTA.....	30
4. ANÁLISE GERAL.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXO 1 – RELATOS COM ENFOQUES FONÉTICOS	40
ANEXO 2 – AUTOPERCEPÇÃO DOS FALANTES	43

INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscaremos investigar as variantes dialetais de três partes de São Paulo: o litoral, a capital e o interior. Teremos como objetivo principal analisar a(s) sonoridade(s) do /R/ característico do falar paulista à luz da sociolinguística, observando sua variação sob a ótica da fonética articulatória e da fonologia, de forma a relacionar a percepção linguística dos participantes com o uso do /R/.

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, contou com dois participantes da região litorânea, dois da capital e dois do interior, totalizando seis (6) participantes. Desse modo, foi-se possível observar a variação linguística e a rica diversidade do falar de cada um dos participantes de forma equilibrada entre cada região. Assim, o som do /R/ foi analisado em contexto de uso da língua, a partir dos registros de autopercepção de cada participante.

Em uma perspectiva sociolinguística, os registros de autopercepção coletados permitem observar simultaneamente as perspectivas dos participantes em relação a própria fala e as variações na expressão do fonema /R/ em cada localidade examinada. Além disso, é possível também considerar os fatores para além dos aspectos geográficos, ao exemplo de: origem familiaridade, idade, gênero, escolaridade, contato com outros dialetos ou variedades do Português Brasileiro etc.

Assim, de forma a entender a construção do(s) dialeto(s) paulista(s) é necessário entender os elementos que levam a formação da língua portuguesa em São Paulo. Isto posto, a primeira seção do presente trabalho apresentará um breve panorama sócio-histórico linguístico de alguns momentos importantes para o desenvolvimento dessa variedade do português brasileiro.

Por sua vez, a segunda seção abarcará os elementos conceituais e pressupostos teóricos-metodológicos desta pesquisa. Nesse sentido, dois elementos são fundamentais para alcançar os objetivos alçados, o fenômeno da variação linguística e o campo de estudos da sociolinguística. A variação linguística ocorre quando diferentes falantes de um mesmo idioma usam palavras, sons ou construções gramaticais distintas de acordo com o contexto pessoal, resultando em variações de um mesmo idioma. A sociolinguística, por sua vez, tem como objetivo central investigar a língua e seus fenômenos em relação à sociedade, como fatores sociais, culturais e geográficos influenciam o uso da língua. A partir dessa perspectiva, a sociolinguística busca compreender como as variações linguísticas se organizam de forma sistemática dentro de diferentes comunidades.

A terceira seção utilizará a construção teórico-metodológica anterior para analisar os dialetos coletados com base nos princípios da variação linguística e sociolinguística. Serão examinadas as diferenças fonéticas entre os grupos regionais, destacando as particularidades dos falares das regiões do litoral, capital e interior do estado de São Paulo. A análise terá como elemento central a autopercepção linguística dos participantes, de forma a identificar como os diferentes falares impactam a vida social, isto é, como determinados dialetos podem reafirmar e/ou expressar estigmatização, privilégio, posição social, nível de escolaridade, além de estratégias de persistência e ocultação do dialeto.

Desse modo, este ensaio pretende analisar uma curva geográfica que abrange o litoral, a capital e o interior de São Paulo, compreendendo a formação do Português Brasileiro como uma língua heterogênea, marcada pela influência de diversas línguas e dialetos ao longo de sua história. Para assim, comparar os dados coletados da variação sociolinguística, de forma a abordar elementos que podem ter colaborado para formação de tais variações.

1 UM BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DO DIALETO PAULISTA

Mattos e Silva (2004) relatam que quando os colonizadores chegaram ao litoral, majoritariamente habitavam povos indígenas cujas línguas pertenciam ao tronco linguístico tupi. Especificamente no litoral paulista, a língua predominantemente falada era o margaya ou tupiniquim, este último sendo homônimo ao nome da tribo, que fora extinta. Os nativos do litoral (hoje região de Santos e São Vicente), eram os Tamoios e os Tupinambás, que falavam o tupi antigo. Nesta mesma região, em 1532, Martim Afonso de Souza estabeleceu a primeira vila portuguesa do Brasil, batizando-a de São Vicente.

Nesse período histórico, Rodrigues (1996) expõe uma maior proximidade entre os europeus e indígenas, em particular mulheres, resultando no surgimento de uma robusta população mestiça, os quais tinham como língua materna principalmente o tupi. No entanto, por conta do forte intercâmbio linguístico, as línguas indígenas mesclaram-se à língua portuguesa, constituindo a chamada língua geral paulista (LGP). Essa LGP foi durante um longo período, língua franca da região, teria sido falada pelos bandeirantes em atividades (agressivas) de colonização dos interiores paulistas.

As Línguas Gerais desempenharam um papel fundamental no Brasil colonial, não apenas como meios de comunicação entre colonizadores e indígenas, mas também como veículos de catequese. Essas línguas, derivadas do Tupi Antigo, não foram pidgins ou crioulos, mas continuções das línguas indígenas, faladas principalmente pelos mestiços e pelos colonos portugueses em várias regiões do país. (RODRIGUES, 1993, p. 97)

A região hoje conhecida como Vale do Ribeira até o subir da serra para a Grande São Paulo, era habitada pelos *Guaianás*, que possivelmente também falavam tupi. Os portugueses fundaram a cidade de São Paulo em 1554. Seguindo o rio Tietê ao norte, havia outras tribos, como os *tupinambá* e *Kayapó*, que falavam suas respectivas línguas homônimas, sendo a última também conhecida como *mebêngôkre*. Ao sul do rio Tietê, havia a tribo dos *Kaingangs*, que falavam a língua *caingangue* e que ocupavam a mesma área, em menores territórios, que também eram habitadas pelos *Ofaié-Xavantes*, falantes da língua *akwén* ou *ofaié*, próximos ao Rio Paraná, e pelos *Otí-Xavante*, falantes da língua *otí*, já extinta, que ocupavam a área mais interiorana da mesma região.

O que temos ainda hoje no Brasil são cerca de 180 espécies linguísticas, e esse número representa, no máximo, 15% da quantidade que existia a 500 anos. Houve, portanto, uma redução drástica, por extinção, de 85% ou mais, na diversidade linguística indígena do Brasil, a qual corresponde, quase diretamente, à redução dos próprios:

povos indígenas. Este é o resultado de um balanço geral de perdas. Mas que dizer das condições de sobrevivência dos 15% ainda existentes? Estas são, para dizer o mínimo, precárias. A aversão pela diversidade étnica e pela diversidade linguística continuam sendo uma das mais fortes heranças que a sociedade brasileira recebeu: dos colonizadores portugueses. Mesmo as línguas indígenas mais faladas no presente estão submetidas a fortes pressões dos mais diversos setores da sociedade majoritária, que as veem como empecilhos a integração, isto é, ao domínio ou domesticação das minorias indígenas. (RODRIGUES, 1993, p. 99-100)

Novas línguas e dialetos foram introduzidos em território brasileiro entre as décadas de 1530 e 1550 por meio da entrada de mão-de-obra escrava, São Paulo sendo uma das regiões importantes que receberam escravizados de colônias previamente estabelecidas em continente africano. Os escravos, em sua grande maioria, vieram da Angola e Moçambique. Na Angola havia falantes dos dialetos *Kikongo*, *Kimbundo*, *Tchokwe*, *Umbundo*, *Mbunda*, *Kwanyama*, *Nhaneca*, *Fiote*, *Nganguela*, já em Moçambique, havia falantes dos dialetos *Emakhuwa*, *Xitsonga*, *Ciyao*, *Cisena*, *Cishona*, *Echuwabo*, *Cinyanja*, *Xironga*, *Shimaconde*, *Cinyungue*, *Cicopi*, *Bitonga*, *Kiswahili*. Do grupo bantu, e seus remanescentes, três dialetos resistiram, sendo eles *Kimbundo*, o *Kikongo* e o *Umbundo*.

Apesar da chegada dos povos africanos no Brasil, boa parte do trabalho escravo da época ainda era exercido pelos povos indígenas, realidade que foi sendo transformada com tempo a partir do crescimento exponencial do comércio de escravos que ocorria no litoral do país, em concomitância com o genocídio dos povos indígenas por meio das doenças agressivas de origem europeia.

Figura 1: Aryon Rodrigues, linguista indigenista

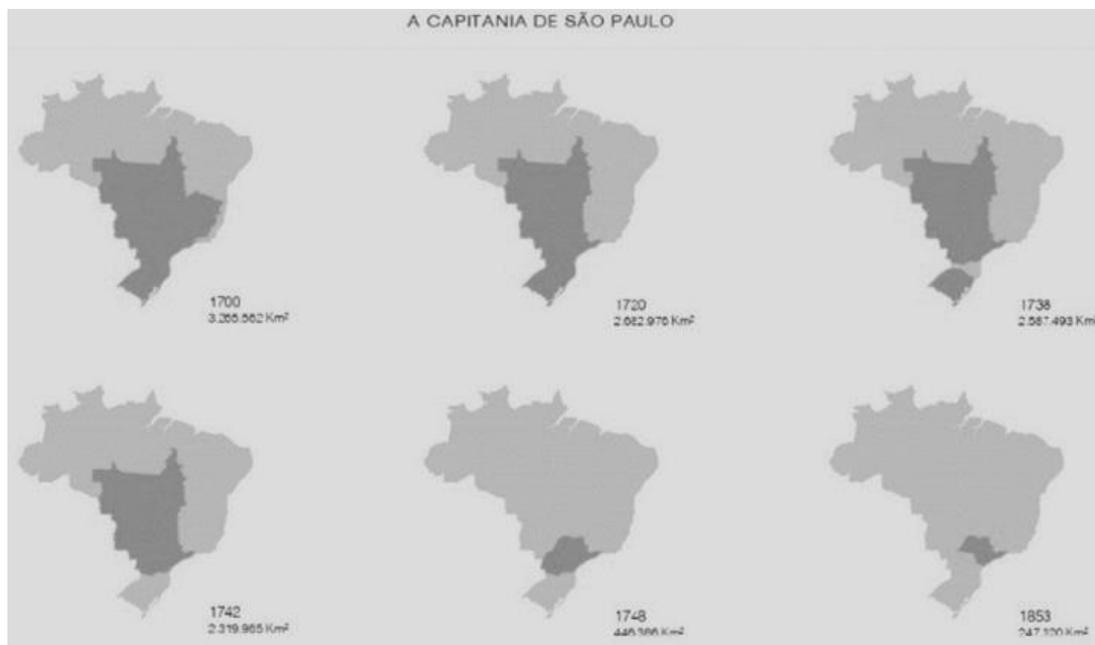


Fonte: Plural Curitiba

Mesmo após esse extenso processo de colonização dos povos indígenas, e um processo de apagamento das línguas por eles faladas, resquícios resistiram nos falares, principalmente em substantivos próprios, como nomes de cidades ex.: Araçatuba (muitos araçás, araçazeiros em quantidade), Bauru (cesto de frutas), Sorocaba (escavação, fenda causada pelas enxurrada); nomes de animais ex.: arara (do tupi arára), capivara (do tupi kapii-wára), cotia (do tupi akutí); nome de estado: Maranhão (rio que corre), Pernambuco (rio caudaloso), Paraíba (rio ruim, impraticável), Sergipe (rio dos siris). As palavras hoje reconhecidas como de origem indígena na língua portuguesa são apenas superstratos.

Em particular, os bandeirantes foram o grupo responsável pela difusão, muitas vezes forçada, da língua portuguesa, e por conta dessa proximidade ora bélica, ora dialogada com os indígenas, a mescla entre os dialetos tupi e o português colonial começa a se estabelecer. Os bandeirantes eram formados majoritariamente por desbravadores descendentes dos portugueses que se estabeleceram no território colônia, em busca de ouro e prata, eles espalharam-se em direção ao interior da colônia. Em atividade desde o século XVI, foram responsáveis por expandir a LGP para Minas Gerais, sul de Goiás e norte do Paraná.

Figura 2 — A capitania de São Paulo



Fonte: Guia Geográfico, 2023.

Com o sancionamento da Lei Áurea em 1888, concedeu-se “liberdade” aos povos africanos, o que fez com que a elite brasileira demandasse mão-de-obra advindas de outros países, uma das inúmeras formas de limitar a ascensão social desses recém-libertos. Assim,

entre o final do século XIX e o início do século XX o Brasil recebe inúmeros imigrantes, majoritariamente italianos, alemães e japoneses, tornando-se a principal de obra da indústria cafeeira.

As línguas faladas por esses povos foram eram amplamente utilizadas por suas comunidades. No entanto, em 1938, o regime Vargas publica o Decreto-Lei Nº 406 que proíbe o ensino de línguas estrangeiras no país, e com o Decreto-Lei Nº 1.545 de 1939 proíbe-se a circulação de imprensa em línguas estrangeiras, tornando o Brasil um país majoritariamente monolíngue.

Com a vista desse panorama sócio-histórico, é possível inferir que parte importante do português brasileiro e suas variantes locais tiveram origem no litoral do país, tendo em vista que a colonização do Brasil se deu do litoral para o interior. Assim, esse espaço geográfico tornou-se o *locus* onde o contato entre as línguas europeias, indígenas e, posteriormente, africanas teve maior intensidade. É possível observar que hoje, o estado de São Paulo é constituído por 3 falares principais, o do litoral, o da capital e o do interior, cada uma dessas possuindo uma significativa diferenciação.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A variação linguística é um fenômeno que consiste nas diferentes expressões de uma mesma língua, inteligíveis entre si. Carlos Alberto Faraco (2004) destaca que a variação não é apenas um aspecto superficial da linguagem, mas reflete as complexas interações sociais, históricas e culturais que moldam as identidades linguísticas. Nesse sentido, a variação linguística pode ser expressa nos campos fonético-fonológico, morfológico, lexical e/ou semântico, além de sempre dialogar com a pragmática. Por conta do grande escopo abordado pelo termo, a variação linguística pode ser ainda classificada em: diacrônica, diatópica, diastrática, diamésica e diafásica (COELHO, 2007, p. 10-15).

Pode-se considerar a variação linguística, de um modo geral, como sendo uma propriedade inerente às línguas naturais, uma vez que todas apresentam algum grau de variação em relação às variedades que a compõem ou às línguas que lhe são aparentadas. Pode-se, também, caracterizar a variação linguística como sendo um processo necessário à evolução das línguas para atender às demandas comunicativas das novas gerações.

De modo mais específico, entretanto, costuma-se caracterizar a variação linguística como sendo a ocorrência de diferentes realizações de uma mesma forma vocabular ou estrutura linguística em determinada época, região, grupo social, estilo pessoal, contexto de uso e meio de comunicação. Essa variação pode ocorrer no nível lexical ou gramatical de determinada língua ou variedade linguística (RODRIGUES, 2018, p. 173).

A sociolinguística é o campo interdisciplinar da linguística que estuda a relação entre a linguagem e a sociedade, voltando-se para a percepção social, cultural e histórica da língua. Nessa perspectiva, alguns dos focos da pesquisa em sociolinguística estão na compreensão de como o idioma reflete e reforça estruturas sociais, incluindo o poder, a identidade e a dinâmica de grupos. Esse campo também examina fenômenos como os dialetos, os registros e a mudança linguística ao longo do tempo e espaço.

A variação linguística e a sociolinguística estão intimamente conectadas, uma vez que a natureza social da variação linguística é fundamental para a compreensão das mudanças que ocorrem nas línguas ao longo do tempo e espaço. A sociolinguística reconhece que a variação linguística não é um fenômeno aleatório, mas sim uma característica social inerente às línguas naturais, influenciada por fatores diversos, e por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística" (CEZARIO; VOTRE, 2008, p.141).

Um dos aspectos que pode ser analisado por esse viés é o preconceito linguístico, que ocorre quando uma variante ou forma de falar é estigmatizada ou vista como inferior em relação a um padrão linguístico dominante. Esse preconceito não se baseia em critérios objetivos de

"correção" linguística, mas reflete questões de poder, status social e identidade cultural. Assim, o preconceito linguístico é um mecanismo social que reforça hierarquias e exclusões, afetando negativamente a autoestima e a integração social de indivíduos, estudos nesse campo podem ajudar a entender as origens de tal preconceito, conforme afirma Oushiro (2021, p. 323):

Para além de questões dentro da própria teoria sociolinguística, os estudos sobre avaliações e percepções podem contribuir para a compreensão dos mecanismos que levam ao preconceito linguístico, ao explicitar quais significados sociais são atribuídos a quais variantes e variáveis, e, conseqüentemente, para melhores estratégias para seu combate; pode contribuir, também, com um ensino de outras línguas que contemple verdadeiramente a diversidade linguística.

Este ensaio segue a corrente sociolinguística da dialetologia — também chamada de geografia linguística ou geolinguística (COELHO, 2010, p. 17) –, mais especificamente a geossociolinguística, pois se voltará para aspectos geográficos, sociais e históricos da variação linguística das regiões do litoral, da capital e do interior do estado de São Paulo. Além disso, abordará também a corrente variacionista, pois tratará dos dados coletados de um grupo de participantes desta comunidade linguística (WITKOWSKI, 2013, p.89).

A corrente variacionista é fundamentada por William Labov, que, nos anos 60, aprimorou os estudos sociolinguísticos usando pesquisa qualitativa, isto é, a partir da coleta e análise de dados de uma determinada comunidade linguística, investigou aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos, lexicais e discursivos-pragmáticos. Assim, segundo Labov (2008), as variações linguísticas não são randômicas, possuem razão de ser e padrões observáveis e, para tanto, estipulou-se conceitos e rigores metodológicos. Os princípios postulados por Labov que baseiam a sua teoria foram assim descritas:

(i) A língua funciona enquanto muda; (ii) a heterogeneidade não compromete o funcionamento da língua – um sistema homogêneo e invariável é que seria disfuncional em uma comunidade de fala culturalmente diversificada ; (iii) a variação faz parte do sistema linguístico, que é heterogêneo e composto por regras e unidades variáveis; (iv) a variação é potencialmente a atualização, em cada momento que se considere a língua, dos processos de mudança em curso no seu devir histórico (mudança implica variação, mas variação não implica necessariamente mudança); (v) a variação não é aleatória. A análise sincrônica dos condicionamentos estruturais e sociais da variação é capaz de revelar os mecanismos que atuam na implementação dos processos de mudança que afetam o sistema da língua; (vi) a mudança linguística pode ser estudada diretamente através da análise da variação observada em cada estado de língua. A concepção de um sistema linguístico heterogêneo e variável faz com que necessariamente a Sociolinguística defina o seu objeto de estudo como a comunidade de fala, a coletividade que usa concretamente a língua em um contexto histórico específico (LUCCHESI, 2012, p. 794).

Além de tais postulados, existem outros conceitos importantes para a compreensão da metodologia da teoria variacionista. Os principais a serem diferenciados entre si são os de variedade, variação, variável, variante e comunidade de fala.

1. **Variedade:** Refere-se ao uso de uma forma específica de uma língua/linguagem por uma comunidade, podendo ser influenciada por fatores regionais, sociais, profissionais ou etários. Variedades podem ser regionais (dialetos) ou sociais (socioletos) e se distinguem por características fonéticas, lexicais, sintáticas e/ou pragmáticas.
2. **Variação:** “A variação pode ser considerada um fenômeno cultural motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos, na qual o pesquisador ao estudá-la pode identificar quais são os contextos que favorecem ou impedem o seu uso na comunidade” (SANTOS, 2017, p.39). Nesse sentido, fatores linguísticos estão relacionados a aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e/ou lexicais e os fatores extralinguísticos são os aspectos sociais, como gênero, nível de escolaridade, faixa etária entre outros.
3. **Variável:** É o aspecto linguístico específico que está sendo estudado em uma pesquisa dessa vertente. Trata-se de um elemento que pode sofrer modificações ou apresentar variações de acordo com diferentes fatores. Nesta pesquisa, por exemplo, o som do /R/ em diferentes regiões de São Paulo é a variável em questão.
4. **Variantes:** São as diferentes realizações possíveis de uma variável. Por exemplo, a variável desta pesquisa é o som do /R/, as variantes seriam as diferentes pronúncias que ele pode ter (por exemplo, o [ʁ] uvular, o [r] alveolar vibrante ou o [ɹ] retroflexo). Assim, são os aspectos passíveis de comparação e análise (SANTOS, 2017). Elas podem ser categorizadas em padrão e não padrão (COELHO, 2010, p. 27), ou ainda “conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas” (TARALLO, 2001, p. 12).
5. **Comunidade de Fala:** É uma comunidade que compartilha e interagem regularmente utilizando uma variedade linguística em comum, não necessariamente de forma idêntica, mas com normas e comportamentos que permitem a coesão e o entendimento mútuo. Ou ainda, “é aquela que compartilha normas e ‘atitudes’ sociais perante uma língua ou variedade linguística” (VANIN, 2009, p. 148).

Complementarmente, as teorias geossociolinguísticas consideram que o espaço geográfico exerce uma função importante na configuração da variação linguística. Assim, esse

campo busca compreender a língua a partir de fatores geográficos — como a distância física entre as comunidades, a topografia, a distribuição de recursos e a mobilidade populacional — e de fatores sociais no uso da linguagem e na formação de dialetos (RIBEIRO; PINTO, 2023).

Conforme diz Coelho (2007), “a norma-padrão da língua portuguesa é um modelo idealizado de língua 'certa', um referencial estabelecido com vistas à uniformização, desconsiderando-se, portanto, a heterogeneidade e, por consequência, a variação linguística” (p.17). Compreende-se assim que existe uma distância entre uma “norma” escrita e oral, estando a última propensa a sofrer mudanças mais rápidas que a primeira.

Com o objetivo de explicitar características de variação linguística diatópica, particularmente no aspecto fonético, a Sociofonética — junção da Sociolinguística e da Fonética (VIEIRA, 2017, p.87) — oferece uma base sólida para a análise das variações linguísticas nas regiões da capital, interior e litoral do estado de São Paulo.

Dessa forma, buscamos um conjunto de amostras de fala que refletissem a diversidade linguística presente nessas localidades. Durante a análise dos dados coletados, nosso foco principal foi identificar as disparidades fonéticas entre os grupos regionais. Para isso, foram considerados como aspectos principais da pesquisa o reconhecimento da variedade do fonema /R/ (sendo eles o [r], [r̥] e [ɾ]), sua articulação, entonação e ritmo de fala.

Para além de questões dentro da própria teoria sociolinguística, os estudos sobre avaliações e percepções podem contribuir para a compreensão dos mecanismos que levam ao preconceito linguístico, ao explicitar quais significados sociais são atribuídos a quais variantes e variáveis, e, conseqüentemente, para melhores estratégias para seu combate; pode contribuir, também, com um ensino de outras línguas que contemple verdadeiramente a diversidade linguística. (OUSHIRO, 2021)

Assim, buscamos um conjunto de amostras de fala que refletisse a diversidade linguística presente nas localidades analisadas. Durante a análise dos dados coletados, nosso foco principal foi identificar as disparidades fonéticas entre os grupos regionais. Para isso, foram considerados como aspectos principais da pesquisa o reconhecimento das diferentes variantes do fonema /R/. Essas características permitiram observar variações significativas que, em muitos casos, estão intimamente ligadas à origem geográfica e social dos falantes.

2.1 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi motivada pela relevância crescente dos estudos sobre preconceito linguístico, especialmente em um contexto em que as formas de falar podem ser

vistas como marcadores de identidade social, muitas vezes reforçando estigmas e exclusões. Seja no ambiente escolar e no mercado de trabalho, a maneira como as pessoas falam pode influenciar a forma como são percebidas e tratadas.

Assim, mapear e analisar a variação do tão característico /R/ paulista entre diferentes macrorregiões do estado oferece uma oportunidade para identificar como esses padrões linguísticos podem estar associados a preconceitos sociais, bem como as estratégias que os falantes utilizam para lidar com essas dinâmicas.

De antemão, sabia-se informalmente sobre a diferença significativa entre as três variações na perspectiva articulatória, no entanto, faltavam estudos que explorassem como essas diferenças do fonema /R/ conectam-se a fatores sociais, culturais e históricos, bem como a percepções de identidade e preconceito. A análise dessas variações exige uma abordagem mais aprofundada que considere não apenas a articulação, mas também o contexto social em que essas formas de falar são utilizadas e percebidas.

Desse modo, a realização desta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender melhor as variações linguísticas presentes no estado de São Paulo e visa responder a seguinte pergunta:

De que maneira a variação fonética do fonema /R/ nas regiões do litoral, capital e interior de São Paulo impacta socialmente os participantes, e como essa variação está relacionada à percepção e experiências de preconceito linguístico entre os falantes?

2.1.1 — HIPÓTESES DE PESQUISA

Com a pergunta de pesquisa em mente, formularam-se algumas hipóteses para orientar a pesquisa e estabelecer parâmetros para a análise dos dados a serem coletados:

A primeira hipótese (H1) sugere que a pronúncia do /R/ varia significativamente entre as regiões do litoral, capital e interior de São Paulo. Essa variação seria reflexo de influências históricas e sociais, aliado a geografia de cada região, resultando em diferentes formas de articulação do /R/.

A segunda hipótese (H2) aponta que a autopercepção dos falantes sobre sua própria forma de pronúncia influencia o uso e a adaptação da variação do /R/ em diferentes contextos. Em outras palavras, os falantes que estão cientes das particularidades de seu sotaque podem conscientemente ou inconscientemente adaptar suas pronúncias de acordo com o ambiente social em que se encontram.

2.1.2 — REQUISITOS

De forma a alcançar esses objetivos e verificar as hipóteses, fez-se necessário pesquisar as origens do(s) dialeto(s) da região e compreender os fatores que a influenciaram, bem como desenvolver uma base teórica sólida que abarcasse conceitos de sociolinguística, geossociolinguística e preconceito linguístico.

É crucial estabelecer uma abordagem teórica que relacionasse a variação linguística com fatores sociais, culturais e históricos, utilizando como base autores como William Labov, que contribuiu significativamente para a teoria da variação linguística, e trabalhos mais recentes como Oushiro (2021) que investigam o impacto social da fala não padrão em contextos brasileiros.

2.1.3 — SELEÇÃO DE PARTICIPANTES, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

O processo de seleção dos participantes para esta pesquisa seguindo uma abordagem qualitativa e utilizando contatos previamente estabelecidos pela equipe de pesquisa¹. A ideia inicial surgiu a partir da observação de um dos pesquisadores, que identificou variações no uso do fonema /R/ em sua própria fala, o que motivou a equipe a investigar essas variações como um estudo de caso. A seleção dos participantes foi realizada com base na diversidade geográfica, buscando um número equilibrado de participantes por região de São Paulo² (litoral, capital e interior).

A escolha dos participantes foi feita via convites e pedidos de colaboração via WhatsApp. Para a análise articulatória³ (ou pesquisa preliminar), foi solicitado que cada participante enviasse áudios de pelo menos um minuto, nos quais falassem sobre uma memória afetiva, evocando lembranças felizes que facilitassem uma fala espontânea e sem bloqueios linguísticos. Essa abordagem buscava capturar a identidade linguística dos participantes em sua forma mais autêntica.

A maioria dos indivíduos conseguiu gravar os áudios sem dificuldade, expressando-se de maneira descontraída e espontânea. No entanto, um dos participantes da região litorânea teve dificuldade em gravar o tempo mínimo solicitado, o que levou a equipe a optar por solicitar um áudio com temática diferente, em que o participante conversava de forma mais técnica, mas

¹ Um estudo preliminar foi realizado por Mendes, Cruz e Silva Júnior no ano de 2023, em que foi coletado e analisado a variação do fonema /R/ em uma perspectiva articulatória, o presente trabalho surge como uma expansão do primeiro, buscando entender os impactos sociais dessa variação e no preconceito linguístico sofrido.

² No *corpus* deste trabalho, não se incluí variações de cidades fronteiriças com outros estados.

³ Cf. Anexo 1 (Mendes; Cruz e Silva Júnior, 2023).

ainda informal. Apesar do conteúdo mais específico, o tom da fala preservava a identidade linguística do falante, e, por isso, foi possível incluir o participante no *corpus*.

Com os áudios coletados dos seis participantes, a pesquisa preliminar constituiu-se na transcrição e análise cada um dos áudios de forma a identificar as diferentes articulações do fonema /R/ paulista. No presente trabalho, expandiu-se os pressupostos anteriores ao adotar uma perspectiva geossociolinguística, com um particular foco na autopercepção dos participantes em relação à sua própria fala e à forma como suas pronúncias eram aceitas socialmente. Para tal, os mesmos participantes enviaram novos áudios, com relatos e reflexões sobre suas percepções do próprio dialeto e sobre como suas falas eram julgadas em termos de estigmatização e/ou valorização social.

A etapa seguinte da pesquisa concentrou-se na análise da autopercepção dos falantes em relação à pronúncia do fonema /R/ e sua percepção social. Por meio dos novos áudios enviados, os participantes foram instigados a refletir sobre suas experiências individuais com suas variações linguísticas, considerando o impacto social dessas formas de falar. Esse enfoque se mostrou crucial para compreender de que maneira os falantes interpretam suas próprias realizações fonéticas no contexto em que estão inseridos, bem como os modos pelos quais lidam com eventuais preconceitos ou valorização associados à pronúncia do /R/.

A análise dessas autopercepções visa investigar se os participantes tendem a modificar sua fala de acordo com o ambiente social (conforme proposto na hipótese H2) e como essa adaptação afeta suas construções de identidade linguística. Ademais, busca-se compreender se os falantes percebem a necessidade de ajustar suas pronúncias em contextos mais formais, como no ambiente profissional ou em interações sociais de maior prestígio, ou se mantêm fidelidade linguística aos traços regionais de suas variações.

a teoria da acomodação discute a utilidade em descrever trocas em um nível linguístico particular: o uso de sotaques (accent usage). Os autores afirmam que a avaliação do falante e a diversidade da fala estão ligadas conceitualmente e que, em uma situação dialógica, se o emissor quiser a aprovação do receptor, ele adaptará seu padrão de fala ao do seu interlocutor, com o intuito de reduzir as dessemelhanças. Essa teoria, que se baseia na fala, busca explicar o motivo pelo qual os falantes modificam sua fala, a sua pronúncia, devido ao fato de estarem diante de outros. (LEITE, 2011, p. 1021)

Essa abordagem é essencial para entender as variações articulatórias não apenas enquanto fenômenos fonéticos, mas também como marcadores identitários e sociais. A análise permite situar essas variantes dentro de um panorama mais amplo de variação linguística, no qual fatores externos à língua, como poder, prestígio e estigmatização, desempenham um papel determinante na forma como os falantes se percebem e são percebidos em suas comunidades de fala.

3 SÃO PAULO EM TRÊS TEMPOS⁴

Tendo como base a formação linguística de São Paulo apresentada na primeira seção, é importante destacar que como polo econômico, social e cultural, a região de São Paulo atrai muitos trabalhadores de outras regiões do Brasil, o que por sua vez pode ter impactos na formação linguística dos falantes.

Nesse cenário em que aproximadamente metade da população economicamente ativa não nasceu na cidade [de São Paulo], interessa averiguar até que ponto a heterogeneidade sociodemográfica traz consequências para a variação no falar de seus habitantes, sobretudo os nativos. Tradicionalmente, aponta-se o tepe como variante “paulistana” do (-r) em coda silábica, em contraste com a realização aproximante retroflexa dos paulistas do interior [ɻ], a fricativa velar de cariocas [x ʁ], ou a fricativa glotal de belo-horizontinos [h ɦ] (OUSHIRO e MENDES, 2013, p. 68).

Como objeto deste trabalho, foram colhidos dados de seis participantes, dos quais são dispostos em pares por cada região. Dentre os participantes, três são do gênero feminino, dois do gênero masculino e um não-binário. Na análise dos dados, visamos compreender e catalogar as diferentes articulações do /R/ por cada região geográfica, para isso, o corpus de áudio foi analisado via percepção auditiva dos três presentes autores, sendo um dos autores nativo do estado de São Paulo. A tabela a seguir apresenta os resultados obtidos, que serão discutidos e analisados detalhadamente nas subseções seguintes.

Tabela 1 — Análise qualitativa da distinção fonética entre as regiões paulistas

Região	Participante	Fone			
		/R/ forte [r]	/R/ brando [r]	/R/ semi-retroflexo [r/ɻ]	/R/ retroflexo [ɻ]
Litoral	Felipe	X	X		
	Valclécia	X	X		
Capital	Vitória	X	X		
	Dennys	X	X	X	
Interior	Márcio	X	X	X	X
	Thaís	X	X	X	X

Fonte: MENDES; CRUZ; SILVA JÚNIOR, 2023.

3.1 PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA DO LITORAL

A região litorânea de São Paulo, especificamente da Baixada Santista, é composta pelas cidades Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São

⁴ Esse texto é derivado de uma pesquisa preliminar realizada por Mendes; Cruz e Silva Júnior, 2023.

Vicente, sendo Santos o centro desta região metropolitana. Entendendo Santos como o centro, é perceptível a existência de uma influência social, econômica e linguística, no entanto, as amostras litorâneas do estado estão restritas à cidade de Santos, impossibilitando a confirmação da hipótese de a Baixada Santista possuir um dialeto comum.

Através da percepção auditiva, podemos notar que o participante Felipe, tradutor de 39 anos, apresenta ocorrência do /R/ brando [r] em palavras em que a letra <r> tende a ser /R/ forte [r] nas demais regiões do país. No falar do participante, o [r] aparece em palavras em que o fonema /R/ sucede vogais, como nas palavras co[r]po e pa[r]te.

Dá muita fo[r]ça, e out[r]a, esses exe[r]cícios com o peso do co[r]po, eles, p[r]incipalmente ba[r]a, você fica ali muito tempo suspenso, tensionado, meu... isso dá uma fo[r]ça e pega muito a pa[r]te de tendão, né? É muito bom! (Cf. anexo 1: 1.1 - Felipe)

No entanto, vale ressaltar que, quando o /R/ está presente na última sílaba, Felipe faz uso dos dois sons, tanto brando quanto forte, que podemos perceber retomando o exemplo da palavra faze[r], também reproduzida com o /R/ forte [r], havendo assim, duas ocorrências para cada exemplo, o que impossibilita traçar um padrão nesse caso em particular.

então ac[r]escenta[r] um t[r]eino de ba[r]a, é legal, ca[r]a, é inte[r]essante, ele vai faze[r] 5 sé[r]ies aí, com o peso do teu co[r]po, éee... se começa[r] a fica[r] leve demais, você pode usa[r] algum peso ou usa[r] alguma out[r]a est[r]atégia (Cf. anexo 1: 1.1 - Felipe)

Uma característica relevante é a força empregada ao falar o /R/ brando, facilitando a percepção das múltiplas vibrações emitidas pelo toque do ápice da língua na arcada dentária superior, às vezes acompanhado de um arraste da língua, causando pequenas oclusões do ar/som que produzem o som de vibrante múltiplo.

No material cedido pela participante Valclécia, podemos perceber que, diferente do participante anterior, o /R/ forte é predominante em quase todas as ocorrências, com exceção da palavra sobrevive[r], que foi dita em um tom emocionado. No entanto, as demais palavras que vieram após sobreviver, retornaram a registrar o som do /R/ forte [r], mostrando que, por mais que esteja presente, parece sobreposto por outros fatores que a pesquisa não foi capaz de abranger.

pode[r] t[r]abalha[r] com o que eu gosto e que no futu[r]... assim, tê minimamente uma estabilidade financeir[a] p[r]a que no futu[r]o, se a gente tive[r] filhos, os nossos filhos não p[r]ecisem escolhe[r] uma p[r]ofissão é... obrigatoriamente só pra

sobrevive[r], que se quise[r] ser a[r]tista, vai se[r], se quise[r] se[r] músico, vai se[r]
(Cf. anexo 1: 1.2 - Valclécia)

Nesse sentido, os dados não puderam ser conclusivos, mas houve o levantamento de uma hipótese. A musicalidade na fala da participante e em alguns momentos de emoção, fazia com que traços de dialetos nordestinos aparecessem, mesmo que parcialmente, indicando afinidade dialetal com o nordeste do país. Investigando, a hipótese foi validada com as informações de que a participante é filha de uma mulher pernambucana e um pai paraibano, que a trouxeram para Santos ainda em tenra idade.

3.2 PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA DA CAPITAL (CAPITAL/GUARULHOS)

Subindo a serra, há poucos quilômetros de Santos está São Paulo, que começa através do que é chamado da Grande São Paulo, dividida em cinco regiões: Norte, Leste, Sudeste, Sudoeste e Oeste, sendo o polo destas, a cidade de São Paulo. Essas regiões abrigam o total de 38 cidades. Infelizmente, não pudemos angariar dados de dois moradores que foram nascidos e criados na Grande São Paulo, mas, adjacente à capital, a apenas 100km de distância, está Sorocaba, cidade do segundo participante da pesquisa da região da capital, que com o passar dos anos se mudou para Guarulhos, e em seguida, para a capital de São Paulo.

Estudante de psicologia na Universidade de Brasília, Vitória fora nascida e criada na Grande São Paulo, mudando há poucos anos para Brasília. É possível perceber que com o subir da serra, o /R/ brando [r] deixa de ser incorporado da forma que é incorporado no litoral, como visto anteriormente através do participante Felipe.

nas fé[r]ias, e meus p[r]imos iam lá, e eu mo[r]ava com a minha vó nessa época, e todos nós ficávamos juntos e b[r]incávamos muito na [r]ua com nossos amigos da... da vizinhança, porque e[r]a uma [r]ua que tinha muitos familia[r]es, então eu tenho uma memó[r]ia muito feliz da gente b[r]inca[r] de vôlei, ter rede! (Cf. anexo 1: 2.1 - Vitória)

No entanto, o falar da participante se difere na tonicidade das palavras, como se o som estivesse sendo articulado de uma forma próxima do som surdo, mesmo quando sonoro, com uma cadência mais lenta na hora de falar, o que fica mais evidente no segundo participante. Dennys é estudante de audiovisual, não-binário, mas sem preferência de pronomes ao ser citado ou indicado, mas por questões de não-reforçamento de gênero, optamos pela não-menção de pronomes.

Entendendo o contexto de mudanças de cidade desde cedo, Dennys esteve dentro do estado de São Paulo em locais diferentes durante o passar dos anos, sempre próximo da capital, mas nunca na capital de fato, até ingressar na Universidade de São Paulo, no curso de audiovisual. Entendendo o panorama de Dennys, é possível testar hipóteses que se aproximam tanto do interior quanto da capital.

eu lemb[r]o bem, uma coisa que eu não esqueço desse fim de semana, é que, eu tava com saudade dela antes do fim de semana acaba[r], eu nunca tinha me sentido dessa fo[r/ɹ]ma, a gente tava com saudade um do out[r]o, mesmo estando p[r]óximos, assim, po[r]que a gente sabia que ia chegá quat[r]o da ta[r/ɹ]de do domingo e eu ia ter que pegar ca[r]ona de volta p[r]a (Cf. anexo 1: 2.2 - Dennys)

No dialeto de Dennys é possível perceber algo que se afasta da metrópole ao mesmo tempo que não a apaga. Ao nos depararmos com uma mescla fonética que ensaia um /R/ retroflexo, mas sem completar, decidimos por indicar os momentos em que o /R/ forte se alongava o suficiente para que parecesse com um retroflexo, causando uma semi-retroflexão, através dos símbolos fonéticos [r/ɹ]. Essa hipótese pode ser relacionada com as pesquisas de Oushiro (2021, p. 324):

as experiências linguísticas dos indivíduos têm influência sobre suas percepções: na região periférica de São Paulo, o retroflexo é mais frequente do que nas regiões centrais, de modo que os moradores de periferia parecem ser mais “tolerantes” quanto à paulistanidade do retroflexo

O que ocorre na articulação é a aproximação da língua dobrada ou curvada em sua ponta, ou na falange, sendo direcionada na região pós-alveolar sem a palatalização, mas nesse caso, acompanhado de um encurtamento do som, o que levanta a hipótese de que essa semi-retroflexão na verdade é um alofone regional, encontrado entre os diversos dialetos da capital de São Paulo.

3.3 PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA DO INTERIOR (LARANJAL PAULISTA)

Márcio, estudante de Direito de 23 anos de idade, que se mudara para Brasília há alguns anos incorpora todas as possibilidades do fonema /R/ em seu discurso. Diferente dos demais participantes, podemos concluir que o histórico social de Márcio está enraizado na sua fala. O dialeto interiorano carrega desde o vibrante múltiplo reconhecido pelos litorâneos, até o /R/ retroflexo tido como /R/ do interior. Nesse sentido, é perceptível que Márcio apresenta uma

ampla experiência linguística, assim como os dialetos residentes da área que delimita sua cidade de origem.

Então, Guilherme, acho que uma memória afetiva que eu tenho, e, inclusive, nessa época tenho muitas saudades, especificamente sobre interior de São Paulo, porque, embora nascido no interior de São Paulo, tenha morado lá por 18 anos até me aventurar aqui em Brasília, minha família paterna é da Baixada santista, da Paraíba, então também tenho ótimas memórias afetivas da Paraíba (Cf. anexo 1: 3.1 - Márcio)

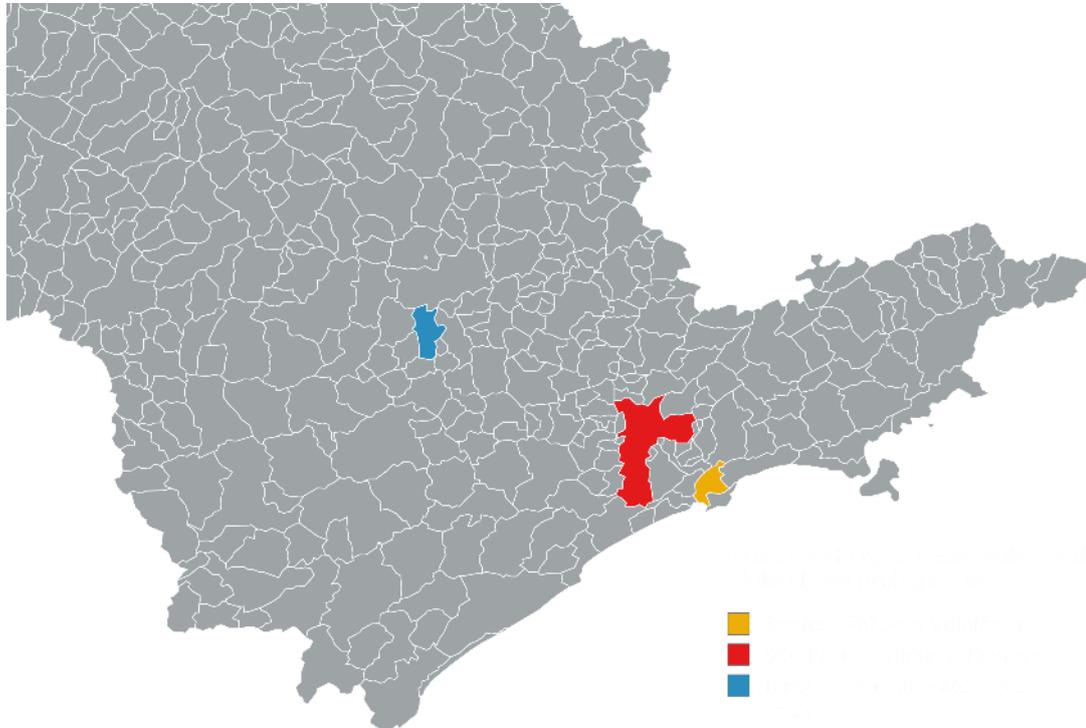
A confirmação do /R/ retroflexo com os demais fonemas /R/ e suas possibilidades se dá na segunda participante da região, Thaís, dentista, da mesma idade, que com o desenrolar do áudio cedido revela o /R/ retroflexo presente em sua forma de falar. Em alguns momentos, há a supressão do /R/, transformando a palavra em uma única sílaba tônica, como por exemplo a palavra *ter* → *tê*, que também ocorre tanto no litoral, quanto na capital, por meio de Valclécia e Dennys.

e é uma coisa que me lembra o interior, moro aqui quatro anos em cidade grande, e o que me conforta de interior aqui é esse, é todo mundo tá junto, é aquele leilão, é aquele bingo, é... comida típica daqui, sempre um arroz com feijão muito bom, então a comida, é uma memória muito afetiva para mim, também, além de tudo, são os baianos de sítio (Cf. anexo 1: 3.2 – Thaís)

A análise fonético-fonológica realizada ao longo das diferentes regiões de São Paulo, partindo do litoral até o interior do estado, evidencia a diversidade linguística presente no estado paulista, refletindo influências sociais, culturais e regionais que moldam o uso da língua. A variação fonética do /R/ no estado de São Paulo oferece uma janela para entender as complexas relações entre linguagem, identidade e sociedade, cujo detalhamento segue na próxima seção.

4 AUTOPERCEPÇÃO LINGUÍSTICA CENTRADA NO FALANTE

Figura 3 – Nascimento e/ou desenvolvimento dialetal dos participantes



Fonte: Elaborado pelo autor por meio do mapchart.net, 2024

4.1 REGIÃO LITORÂNEA

4.1.1 FELIPE, 39 ANOS, TRADUTOR, SANTOS



Felipe, natural de Santos, tem um histórico familiar fortemente ligado à cultura portuguesa, já que sua mãe e avós vieram de Portugal. Durante sua infância, teve contato frequente com o português europeu, o que ele acredita ter influenciado seu vocabulário e pronúncia, embora não perceba uma mistura evidente em seu sotaque. Apesar disso, ele nunca sofreu preconceito por sua forma de falar. Para Felipe, a principal diferença entre o português do Brasil e de Portugal está no vocabulário, que, por vezes, soa mais formal em território português. Ele reconhece que o contato com essas palavras enriqueceu sua forma de expressão, mas sem causar estigmatização.

Portugal está no vocabulário, que, por vezes, soa mais formal em território português. Ele reconhece que o contato com essas palavras enriqueceu sua forma de expressão, mas sem causar estigmatização.

4.1.2 VALCLÉCIA, 30 ANOS, FOTÓGRAFA, SANTOS



Valclécia, nascida no Nordeste e vivendo em Santos, descreve sua fala como uma mescla de gírias nordestinas e paulistas. Durante sua infância, ela foi alvo de piadas na escola, tanto por seu nome paraibano quanto por seu sotaque, o que a levou a tentar esconder sua origem. Com o tempo, porém, ela passou a se orgulhar de suas raízes e a adotar abertamente seu sotaque regional. Valclécia nota que, atualmente, o preconceito linguístico diminuiu, sendo muitas vezes substituído por comentários positivos sobre seu sotaque,

devido à maior conscientização sobre estereótipos e xenofobia.

4.2 REGIÃO DE SÃO PAULO CAPITAL

4.2.1 VITÓRIA, 25 ANOS, ESTUDANTE DE PSICOLOGIA, SÃO PAULO

Vitória percebe que sua forma de falar varia conforme o ambiente. Quando está em Brasília, adota algumas características locais, como a omissão do /R/, mas, ao retornar para São Paulo, retoma seu sotaque paulistano mais marcado, especialmente com o /R/ carregado. Ela relata que, ao mencionar sua origem na capital, as pessoas costumam estigmatizá-la, associando seu jeito de falar a gírias da periferia, como “mano” e “meu”. Vitória afirma que não fala dessa forma e sente que seu sotaque periférico é muitas vezes mal interpretado, sendo confundido com o falar de pessoas do centro de São Paulo.



4.2.2 DENNYS, 23 ANOS, ESTUDANTE DE AUDIOVISUAL, SÃO PAULO

Dennys, cuja infância foi marcada pela convivência com sotaques do Nordeste e do Sudeste, vê sua forma de falar como uma mistura consciente e inconsciente de influências regionais. Dennys valoriza o "R puxado" que herdou de sua infância na Bahia, usando-o como uma forma de manter suas raízes. Essa característica de sua fala chama a atenção em Sorocaba, onde ele morou, gerando tanto curiosidade quanto piadas. Dennys também percebe que sua forma de falar se adapta ao contexto, e em interações individuais, ele tende a suavizar ou incorporar traços da fala do interlocutor, criando uma conexão mais fluida.



4.3 INTERIOR PAULISTA

4.3.1 MÁRCIO, 23 ANOS, ESTUDANTE DE DIREITO, LARANJAL PAULISTA

Márcio, criado no interior de São Paulo, relata que cresceu em um ambiente com sotaque fortemente caipira. Na escola, ele era alvo de brincadeiras por seu modo de falar, mas nunca se sentiu profundamente incomodado. Ao ingressar em uma escola particular, decidiu modificar seu sotaque, buscando parecer mais culto e evitar estigmas. Ele conta que em São Paulo, muitas vezes foi confundido com paranaense, devido à pronúncia mais aberta das vogais. Márcio afirma que seu sotaque é geralmente bem recebido em Brasília, onde agora vive, embora no início ele temesse que pudesse ser motivo de depreciação.



4.3.2 THAÍS, 23 ANOS, DENTISTA, LARANJAL PAULISTA

Thaís cresceu em Laranjal Paulista e sempre considerou sua forma de falar normal até se mudar para Bauru para cursar faculdade. Em Bauru, ela percebeu que seu sotaque, com o /R/ mais puxado, era motivo de piadas, sendo frequentemente chamada de “caipira”. Embora não se sentisse incomodada com sua forma de falar, Thaís achava inconveniente quando as pessoas ressaltavam sua pronúncia. Ela esperava encontrar pessoas com sotaque similar ao seu, mas acabou sendo a única com esse estilo de fala, o que a fez perceber as diferenças regionais mais marcadamente.



4. ANÁLISE GERAL

Através das análises divididas em regiões e separada em pares, conseguimos confirmar a hipótese de que o /R/ vibrante múltiplo está presente no litoral, apesar de não ser possível identificar o grau de ocorrência desse /R/ e nas mesmas condições entre os dois participantes da mesma região.

Enquanto para Felipe o /R/ brando/vibrante múltiplo é disposto entre diversas palavras, ocorrendo em situações pós-vogais, como na palavra corpo → co[r]po, para Valclécia, o /R/ forte [r] substitui a variação predominantemente, fazendo uso do /R/ vibrante pós vogal apenas em um momento de emoção ao dizer a palavra sobrevive[r], demonstrando disparidade entre as amostras e gerando hipóteses que esta pesquisa não tem pretensão de aprofundar.

Para participantes da capital, o /R/ brando [r] na presente amostra só ocorre após consoantes, e como exceção à regra, ocorre em uma situação de substantivo próprio, “Do[r]a”. Com a queda do /R/ vibrante pós-vogal na capital, há o acréscimo do alofone que decidimos chamar de /R/ “semi-retroflexo” neste ensaio, através do dialeto de Dennys, que difere do dialeto da participante Vitória.

Nesse sentido, o dialeto de Dennys acaba sendo um intermédio entre dialetos e regiões, onde o /R/ “semi-retroflexo” é emitido com falta de clareza, que, à medida que caminhamos para o interior, percebemos que ganha ênfase vocálica através dos falantes. Márcio e Thaís incorporam elementos que vão desde o /R/ vibrante do litoral paulista, até o /R/ retroflexo do interior, perpassando por todas as possibilidades dispostas anteriormente através do discurso dos outros 4 participantes.

Sem pretensão quantitativa de quantas ocorrências foram encontradas e de sua frequência exata, a seguinte tabela pretende, de forma qualitativa, apresentar sucintamente quais fonemas estão inseridos no dialeto de cada participante de acordo com a sua região.

Tabela 1 — Análise qualitativa da distinção fonética entre as regiões paulistas

Região	Participante	Fone			
		/R/ forte [r]	/R/ brando [r]	/R/ semi-retroflexo [r/ɻ]	/R/ retroflexo [ɻ]
Litoral	Felipe	X	X		
	Valclécia	X	X		
Capital	Vitória	X	X		
	Dennys	X	X	X	
Interior	Márcio	X	X	X	X
	Thaís	X	X	X	X

Fonte: Elaborada pelos autores, 2023.

Por meio de uma análise nos dados, foi possível separar três participantes que relataram experiências de preconceito linguístico: Valclécia (Santos), Dennys (São Paulo, Capital) e Márcio (Laranjal Paulista). Eles passaram por uma avaliação linguística e social, conforme sugerido por Labov, onde reações conscientes e inconscientes ao uso de suas variantes dialetais foram analisadas, evidenciando como crenças linguísticas podem gerar correções, zombarias ou outras formas de punição social.

Esse preconceito reforça o que Labov argumenta sobre o afastamento gradual do falante da comunidade devido às normas estabelecidas, criando uma verdadeira "peneira" linguística. Por exemplo, Valclécia, tendo vindo do Nordeste e se mudado para Santos, durante a infância, foi alvo de piadas por seu sotaque nordestino, o que a levou a ocultar sua origem e adotar uma fala mais próxima da norma culta local.

A semelhança com Márcio está na pressão social que ambos enfrentaram no ambiente escolar, onde a fala regional era vista como inferior. A teoria de Raquel Freitag (2019) reforça que o ambiente escolar é um espaço crucial para a reprodução do preconceito linguístico, onde normas padrão são frequentemente impostas aos alunos como requisito para aceitação social. Nesse sentido, tanto Márcio quanto Valclécia passaram por experiências semelhantes no que tange à supressão de suas variantes linguísticas.

Márcio, vindo do interior de São Paulo, relata que precisou suprimir seu sotaque caipira ao ingressar em uma escola particular, temendo o preconceito e buscando parecer mais "culto". Esse tipo de acomodação linguística é descrito por Lucchesi (2012) como uma forma de evitar a estigmatização associada a variantes regionais e populares, o que faz com que o falante modifique seu comportamento linguístico para atender às normas de prestígio.

Não, algumas coisas eu vou mudar antes de ir pra uma escola particular, eu tenho que conseguir a bolsa, então eu tenho que parecer mais culto”, umas coisas de pré-adolescente essas inseguranças, né? Aí, eu falei “Não, vou tentar atenuar um pouco mais o meu sotaque”, aí eu gostava muito do sotaque gaúcho, aí eu comecei, em vez de falar por-r-ta, falar po-r-ta. Comecei a treinar, treinar, treinar, e aí foi mudando a minha relação com a fala, a forma que eu me expresso. (Márcio - Cf. Anexo 2)

Quando mais nova, tiravam muito sarro, né? Na escola, é... se falasse alguma coisa, já bastava o meu nome ser diferente, por ser um nome paraibano, né? Paraibano... regionalmente, né? Nomes que o pessoal coloca mais pra lá, apesar de não conhecer ninguém com o meu nome (risos), aí... O pessoal sempre já zoava o meu nome, iam acabar zoando a minha maneira de falar, então eu buscava não usar gírias, não usar nada. (Valclécia - Cf. Anexo 2)

A escola, como relatado por Valclécia, foi um espaço onde o preconceito linguístico se manifestou de forma ostensiva, onde a pressão por conformidade às normas linguísticas padrão

é mais intensa, reforçando a ideia de que o ambiente escolar tende a ser um dos principais espaços de reprodução do preconceito linguístico. Essa opressão, como Valclécia aponta em seu depoimento, revela a pressão sobre aqueles que se desviam da norma linguística, forçando a adaptação ou a ocultação de sua forma de falar.

No entanto, enquanto Márcio parece ter internalizado essa mudança e ainda expressa certa necessidade de adaptação, Valclécia, ao longo do tempo, conseguiu ressignificar sua fala. Ela retomou o orgulho de suas raízes nordestinas e passou a adotar abertamente seu sotaque em contextos mais informais. Esse movimento de retomada da fala pode ser visto como uma superação da acomodação linguística, alinhando-se com a ideia de resistência linguística descrita por Oushiro (2021), onde falantes de variantes estigmatizadas recuperam e afirmam suas identidades linguísticas.

Embora Thaís também tenha experimentado alguma forma de estigmatização ao ingressar em uma universidade em Bauru, seus relatos sugerem que esse tipo de retaliação foi menos intenso comparado ao que ocorre nas etapas iniciais da educação. Mesmo assim, o preconceito linguístico esteve presente, ainda que de maneira mais sutil. Conforme seu depoimento:

lá o pessoal não fala tão “interior” quanto em Laranjal, é, puxando mais o r e tudo mais, então tinham piadinhas da forma de falar, chamavam de caipira, esse tipo de coisa, nunca vi como um problema puxar o r e tudo mais, mas era bem inconveniente quando as pessoas sempre ressaltavam a forma que eu falava, eu era a única aqui dessa região (Cf. anexo 2)

Seu relato de ser chamada de "caipira" pelos colegas revela a constante vigilância social sobre a fala interiorana em ambientes mais formais e urbanizados, o que se alinha com o conceito de heterogeneidade linguística funcional de Labov (2008). Thaís, no entanto, parece ter mantido seu sotaque, apesar das piadas e do desconforto, não passando pela acomodação linguística explícita observada em Márcio e Valclécia.

A pressão social para se adequar a um padrão linguístico pode ser especialmente intensa no ambiente escolar. A escola, portanto, se mostrou um dos principais espaços onde o preconceito linguístico se manifesta de forma ostensiva, forçando os falantes a ocultarem ou modificarem sua forma de falar para se adequar às normas. Para Coan e Freitag (2010), a escola deveria acolher os diferentes sotaques:

A correção não pode ensinar um novo tipo de regra, mas fornecer uma variante a ser usada em situações formais. Além disso, deve o professor ensinar a significância social das diferenças, já que crianças e jovens percebem diferenças entre sua

linguagem e a do professor ou da escola, mas sabem pouco sobre significação social ou estilística. (COAN e FREITAG, 2010, p.179)

Vitória, que cresceu na capital paulista, também faz ajustes linguísticos quando sente que seu sotaque paulistano periférico pode ser mal interpretado. Vitória, assim, relata que seu sotaque paulistano é frequentemente estigmatizado como periférico, o que a leva a ajustar sua fala em contextos mais formais. Labov (2008) discute que a variação de estilo é um comportamento linguístico comum quando o falante deseja se adequar às normas sociais impostas pelo ambiente, o que pode ser observado na fala de Vitória.

a recepção... costuma a ser boa (?), mas estigmatizada também, então, ai, toda vez que eu falo que sou de São Paulo, ou então, “ai, você puxa o R, né? Você é da onde? De São Paulo, meu?” e sei lá o quê, começam a falar como se eu falasse muito “meu” e “ah, mano”, e eu não falo assim, né? É muito uma característica de quem é da região central de São Paulo, capital, e não de quem é de periferia como eu. (Vitória - Cf. Anexo 2)

A pressão social para se adequar a um padrão linguístico pode ser especialmente intensa no ambiente escolar. A escola, portanto, se mostrou um dos principais espaços onde o preconceito linguístico se manifesta de forma ostensiva, forçando os falantes a ocultar ou modificar sua forma de falar para se adequar às normas. Embora menos intensa no ensino universitário do que nas etapas anteriores da educação, a estigmatização permanece, reforçando a ideia de que as variantes dialetais podem marcar socialmente os falantes, expondo-os a uma hierarquia linguística que favorece determinadas formas de falar em detrimento de outras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sobre a variação fonética do fonema /R/ nas regiões do estado de São Paulo sugeriu uma complexa rede de influências linguísticas, sociais, culturais e históricas que moldam a diversidade do falar paulista. Por meio de uma análise focada em três regiões distintas, foi possível não apenas identificar as variantes articulatórias do /R/ (como vibrante, retroflexo e semi-retroflexo), mas também traçar como esses traços linguísticos são percebidos e utilizados pelos falantes em diferentes contextos sociais.

A pesquisa sugere também que o fenômeno da variação linguística vai além de questões puramente geográficas, convergindo com teorias como as de William Labov, que defendem que a linguagem está profundamente enraizada nas estruturas sociais e econômicas de uma comunidade. Segundo Labov (2008), as variações linguísticas seguem padrões observáveis dentro das comunidades de fala e refletem os ambientes sociais e culturais desses falantes.

Além do que destaca Labov, outro aspecto essencial para a compreensão dos dialetos em São Paulo são os fluxos migratórios, como já apresentado em (OUSHIRO, 2021). Sendo assim, esse aspecto têm um papel determinante na formação de dialetos, o que também foi observado na variação do /R/ em São Paulo, especialmente nas interações entre os diferentes estados e São Paulo.

A pesquisa revelou que, enquanto algumas variantes do /R/ são aceitas como parte da identidade regional, outras podem ser estigmatizadas, conforme indicado por estudiosos como Livia Oushiro (2021). O preconceito linguístico foi um tema recorrente nas narrativas dos participantes, especialmente aqueles de regiões interioranas ou que carregam influências de sotaques nordestinos.

Esses falantes frequentemente sofrem discriminação em ambientes educacionais e profissionais, sendo forçados a ajustar sua pronúncia para se alinhar a uma norma culta percebida como socialmente superior, como apresentaram Márcio, Valclécia e Thais. A pressão para se adequar a essa norma reflete a dinâmica de poder nas interações sociais e a marginalização de variantes linguísticas regionais e populares.

Ao longo deste estudo, ficou claro que a variação linguística em São Paulo não pode ser compreendida de maneira isolada, mas deve ser vista dentro de um contexto mais amplo de interações sociais e culturais. A autopercepção dos falantes desempenha um papel crucial nesse processo, já que muitos relataram a necessidade de ajustar sua fala dependendo do ambiente, como observado em Márcio e Valclécia, que passaram por processos de autocensura linguística para evitar preconceito em ambientes escolares e profissionais.

Por outro lado, falantes como Felipe demonstraram um orgulho em manter suas variantes, uma atitude que também reflete uma dinâmica social mais inclusiva presente em algumas comunidades. E outros apresentaram um processo de resistência e resgate de seus dialetos, como o caso de Valclécia e Dennys, que, ou buscaram retomar partes do dialeto anteriormente suprimidas, ou resistiram a essa adequação forçada.

Além disso, a pesquisa revelou como o ambiente escolar atua como um espaço central para a reprodução do preconceito linguístico. Conforme apontado por Raquel Freitag (2019), as escolas muitas vezes impõem a norma-padrão de forma rígida, sem considerar a diversidade linguística dos alunos, reforçando estereótipos que marginalizam falantes de dialetos regionais ou de classes populares. Essa realidade foi observada nas falas de Márcio e Thaís, que relataram experiências de estigmatização e exclusão em ambientes acadêmicos.

O trabalho também reforça a importância de reconhecer e valorizar a diversidade linguística do estado de São Paulo. Ao examinar a variação fonética do /R/ e suas implicações sociais, esta pesquisa contribui para a compreensão de como as diferentes formas de falar estão intrinsecamente ligadas à identidade social e cultural dos falantes. Essa compreensão abre espaço para a promoção de políticas educacionais e sociais que valorizem a diversidade linguística, combatendo o preconceito linguístico em suas mais diversas formas.

Desse modo, a resposta para a pergunta de pesquisa é que a variação fonética do fonema /R/ nas regiões do litoral, capital e interior de São Paulo impacta socialmente os participantes ao refletir e reforçar identidades regionais que podem ser estigmatizadas ou privilegiadas. No litoral, o /R/ mais brando pode ser associado a uma fala mais prestigiada, enquanto no interior o /R/ retroflexo é frequentemente alvo de estigmatização, visto como “caipira” e inferiorizado, especialmente em ambientes escolares e profissionais.

Na capital, a pronúncia do /R/ está relacionada à classe social, sendo que falantes de regiões periféricas podem sofrer preconceito linguístico. Essa variação, portanto, não só influencia a autopercepção dos falantes como também está intrinsecamente ligada a experiências de exclusão ou aceitação social, embora também possa servir como um instrumento de resistência e afirmação identitária para aqueles que ressignificam seu sotaque como parte de suas raízes culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Aurélio. As origens dos negros do Brasil. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1319/as-origens-dos-negros-do-brasil>. Acesso em: 15 jul. 2023.

BERTAPELI, Vladimir. Os indígenas no Litoral de São Paulo: aspectos históricos das identidades étnicas e da luta pelo acesso à terra. In: GT 04 - Identidades étnicas, nacionais e conflitos sociais, IV Conferência Internacional Greves e Conflitos Sociais, 2018, São Paulo. GT 04 - Identidades étnicas, nacionais e conflitos sociais. São Paulo: Síntese Eventos, 2020. p. 1-14.

CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; LUNARDELO, Paulo Henrique. Portugueses no meio rural paulista (1900-1950). 2002, Anais. São Paulo: USP, 2002. Acesso em: 15 jul. 2023.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. *Sociolinguística*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2008. p. 142-155.

COELHO, Izete Lehmkuhl, et al. *Sociolinguística: 6º período*. Florianópolis: Liv/Cce/UFSC 2010. 172 p.

COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. O tratamento da variação linguística no livro didático de português. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2002>. Acesso em: 17 jul. 2023.

ESCOLA, Brasil. Descobrimento do Brasil. 2015. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/descobrimntobrasil.htm>. Acesso em: 15 jul. 2023.

GABLER, Louise. Lei Áurea. 2015. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/276-lei-aurea>. Acesso em: 15 jul. 2023.

GOMES, A. S. Produções fonéticas da vibrante múltipla /R/ por aprendentes baianos e paulistas de espanhol como língua estrangeira: analisando os fatores extralinguísticos. Intertexto, Uberaba, v. 14, n. 1, p. 9-37, 2021. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/4723>. Acesso em: 15 jul. 2023.

GUAZZELLI, Mariana. Genocídio indígena: entenda os riscos e preocupações que a população nativa do Brasil enfrenta. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2021/09/24/genocidio-indigena-entenda-os-riscos-e-preocupacoes-que-a-populacao-nativa-do-brasil-enfrenta/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Joana Angélica Santos. Os topônimos dos estados nordestinos brasileiros. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 15., 2011, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2011. v. 15, p. 2337-2344.

LUCCHESI, Dante. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 2, n. 41, p. 793-805, maio 2012.

MATTOS e SILVA, R. Virgínia. Ensaio para uma socio-história do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola, 2004, p. 121-138

MENDONÇA, Roselene Candida Barroso; SERTÃO, Tamara de Lourdes Alves; PARREIRA, Maria Clemência Pinheiro de Lima. Extinção das línguas nativas angolanas: indícios de uma colonização semelhante à do Brasil. In: VIII mostra científica do curso de pedagogia, 8, 2020, Anápolis. Mostra Científica do Curso de Pedagogia /. Anápolis: UniEvangélica, 2020. v. 5, p. 19-26. Disponível em: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/pedagogia/article/view/6256>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MORALES, Leiko Matsubara. Breve história do ensino de língua japonesa no Brasil. 2009. Disponível em: <https://discovernikkei.org/pt/journal/2009/6/9/lingua-japonesa-no-brasil/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

NARO, Anthony Julius & SCHERRE, Maria Marta P. *Origens do Português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

NEVES, Daniel. Escravidão na África. 2018. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-na-Africa.htm>. Acesso em: 15 jul. 2023.

NEVES, Flávia. Palavras de origem indígena. 2023. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/palavras-de-origem-indigena/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

NOGUEIRA, André. O veto do tirano: a política linguística de Vargas, alemão, italiano e japonês eram extremamente proibidos. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-veto-do-tirano-na-politica-linguistica-de-vargas-alemao-italiano-e-japones-eram-extremamente-proibidos.phtml>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PAULA, Angelo Márcio de. As primeiras cidades brasileiras. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/5ano/historia/as-primeiras-cidades-brasileiras/6154>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PAULISTA, Atlas de Laranjal. História Geral. 2014. Disponível em: https://www.igoreliezer.com/laranjal/wiki/index.php/Hist%C3%B3ria_Geral. Acesso em: 15 jul. 2023.

PONSO, Leonardo. Conheça as palavras de origem indígena do nosso cotidiano. 2021. Disponível em: <https://quindim.com.br/blog/palavras-de-origem-indigenas/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

QUÊNIA, Gláucia. A influência africana na formação da língua portuguesa no Brasil. 2023. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/a-influencia-africana-na-formacao-da-lingua-portuguesa-no-brasil/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

RIBEIRO, Antônio Sérgio. São Paulo - 460 anos - Parte 5. 2014. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=355000#:~:text=No%20m%C3%A9dio%20Tiet%C3%A4%20era%20a,interior%2C%20mas%20na%20mesma%20regi%C3%A3o..> Acesso em: 15 jul. 2023.

RIBEIRO, Thiago Leonardo; PINTO, Vera Maria Ramos. Geossociolinguística e ensino: o grau diminutivo dos substantivos. *Entretextos*, [S.L.], v. 22, n. 4, p. 310-325, 26 abr. 2023. Universidade Estadual de Londrina.

RODRIGUES, Ayron D. Às línguas gerais sul-americanas. *Papia X: Papia Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 6-18, 1996.

RODRIGUES, Ulisdete. Variação Linguística e Preconceito Linguístico. In: DIAS, Juliana F.. (Org.). *Ler e (re)escrever textos na universidade: da prática teórica e do processo de aprendizagem-ensino*. 1ed. Campinas: Pontes, 2018, v. , p. 173-206.

SAAD, Eduardo. Nomes de cidades indígenas. 2022. Disponível em: <https://educacao.umcomo.com.br/artigo/nomes-de-cidades-indigenas-30441.html>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SANTOS, Andreza Marcião. A Sociolinguística e a teoria da variação e mudança linguística. *Sociodialeto*, Campo Grande, v. 7, n. 20, p. 36-53, maio 2017.

TARALLO, Fernando. A relação entre língua e sociedade. In: TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2001.

VANIN, Aline Aver. Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’. *Acta Scientiarum. Language And Culture*, Maringá, v. 31, n. 2, p. 147-153, 6 out. 2009. Universidade Estadual de Maringá.

VIEIRA, Renata Christina. Contribuições dos Estudos Sociofonéticos para a Identificação de Falantes. *Revista Intercâmbio, Especial Expressividade*, v. XXXVI: 86-102, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

WITKOWSKI, Rejane. A sociolinguística e suas principais correntes de estudo. *Maiêutica - Curso de Letras, Indaial*, v. 1, n. 1, p. 87-94, 24 nov. 2013.

ANEXO 1 – RELATOS COM ENFOQUES FONÉTICOS⁵

1 REGIÃO LITORÂNEA

1.1 Felipe, 39 anos, Tradutor, Santos:

Um t[r]eino que você vai, que você tinha que ac[r]escenta[r] de costas, ca[r]a, que ninguém dá nada, é ba[r]a. Mas não é faze[r] a ba[r]a com a pegada que favo[r]ece o bíceps, faze[r] com a mesma pegada... não sei o nome ago[r]a... que você fa[r]ia no puxado[r], sabe, a mão p[r]a fo[r]a, e o b[r]aço como se fosse em 90 g[r]aus, né? Dob[r]ado em 90. Ca[r]a, eu fiz um t[r]eino com um amigo, ele falou “pô, fiquei lemb[r]ando de você o final de semana todinho...” de do[r] né... t[r]eino simples, volume 20 sé[r]ies. Então ele fazia 20 sé[r]ies, com um minuto de descanso ent[r]e as sé[r]ies, e e[r]a isso... só fez ba[r]a, mas ele sentiu as costas de cima abaixo, tudo, tudo, e não tem como não senti[r], porque pega tudo na ba[r]a, então ac[r]escenta[r] um t[r]eino de ba[r]a, é legal, ca[r]a, é inte[r]essante, ele vai faze[r] 5 sé[r]ies aí, com o peso do teu co[r]po, éee... se começa[r] a fica[r] leve demais, você pode usa[r] algum peso ou usa[r] alguma out[r]a est[r]atégia, faze[r] uma isomet[r]ia ent[r]e as [r]epetições, enfim... dá p[r]a pensa[r] em alguma coisa, mas eu inclui[r]ia, se a tua deficiência é costas, eu inclui[r]ia ba[r]a. Dá muita fo[r]ça, e out[r]a, esses exe[r]cícios com o peso do co[r]po, eles, p[r]incipalmente ba[r]a, você fica ali muito tempo suspenso, tensionado, meu... isso dá uma fo[r]ça e pega muito a pa[r]te de tendão, né? É muito bom!

1.2 Valclécia, 30 anos, Fotógrafa, Santos:

“Esses dias o Fê tava pe[r]guntando o quê que eu que[r]o da vida, “o que que é uma vida boa?” como se eu já tivesse alcançado a minha meta... de vida, né? Falei que se[r]ia eu tê uma casa, uma família, né? minha família com ele, no caso, é... um cantinho que tivesse um já[r]dim, que tivesse local p[r]a gente planta[r] alguma coisa, uma piscina (risos) eeee... pode[r] t[r]abalha[r] com o que eu gosto e que no futu[r]o... assim, tê minimamente uma estabilidade financei[r]a p[r]a que no futu[r]o, se a gente tive[r] filhos, os nossos filhos não p[r]ecisem escolhe[r] uma p[r]ofissão é... obrigatoriamente só pra sobrevive[r], que se quise[r] ser a[r]tista, vai se[r], se quise[r] se[r] músico, vai se[r], o que, que a gente possa apoiá os sonhos, né? Sem tê toda dificuldade que os nossos pais tive[r]am, e não consegui[r]am nos da[r] muito, assim, em questão de cu[r]sos, dessas coisas assim...”

2 CAPITAL E SOROCABA/GUARULHOS

2.1 Vitória, 25 anos, Estudante de Psicologia, São Paulo

“Meu nome é Vitó[r]ia C[r]istina, tenho 25 anos, e a minha memó[r]ia feliz que vem assim, é muita da infância, eu tenho uma memó[r]ia, eu sonhei com isso essa noite! De, nos finais de semanas, minha família toda se [r]eunia na casa da minha vó, ou nas fé[r]ias, e meus p[r]imos iam lá, e eu mo[r]ava com a minha vó nessa época, e todos nós ficávamos juntos e b[r]incávamos muito na [r]ua com nossos amigos da... da vizinhança, porque e[r]a uma [r]ua que tinha muitos familia[r]es, então eu tenho uma memó[r]ia muito feliz da gente b[r]inca[r] de vôlei, ter rede! E b[r]inca[r] de queimada, todos juntos, então, esses momentos que a gente tava b[r]incando na [r]ua, com euuu, minha i[r]mã, meus p[r]imos, e minhas amigas de infância, e a gente c[r]iava b[r]incadeiras, ee... é isso, b[r]incava de esconde-esconde, e e[r]a [r]ealmente,

⁵ Dados coletados por: MENDES; CRUZ; SILVA JÚNIOR, 2023.

uma c[ri]ação que e[ri]a feita na [ri]ua, então, a gente saía cedo! Pra b[ri]ncar, sei lá, de manhã, voltava, almoçava, dava um tempo, saía a tarde, b[ri]ncava até a noite, e voltava assim, ta[ri]de da noite, sei lá, ta[ri]de p[ri]a época, né? Sei lá, 7, 8 horas... então, a minha memó[ri]a feliz é isso!”

2.2 Dennys, 23 anos, Estudante de Audiovisual, Sorocaba/Guarulhos:

“Tá, vou contá uma p[ri]visível, que foi quando C[ri]is e eu ficamos pela p[ri]meira vez, cê sabe que a gente tinha um [ri]olo de aí de anos que nunca dava ce[r/]to, muito po[r] imatu[ri]dade, mas eu não sei po[r]que quando a gente voltou a se fala[ri] em 2019, ela me chamou p[ri]a i[ri] na casa dela em Botucatu, passa[ri] o fim de semana, e ela não tinha nenhuma p[ri]etensão ou inte[ri]esse comigo, e aí, quando eu cheguei lá, éééé... foi no ho[ri]ário do almoço, mas ela tinha almoçado no [ri]estaurante, na casa dela não tinha comida, só tinham pastéis veganos do[ri]midos que ela tinha fez no dia anterio[ri] com o amigo dela, e aí no qua[r/]to dela, na pa[r/]ede, assim, em cima da cama, tinham fotos com o ex, então não e[ri]a meio que muito convidativo, a única pessoa assim, a única coisa* que estava me animando lá era a Do[ri]a, a gata dela, que eu fiquei “meu deus, você saiu pra come[ri] sem mim, e eu estou com fome, e eu chego aqui e tem foto do seu ex em cima da sua cama, que absu[ri]do...” aí éééé, só tava a gente lá, e eu fiquei de do[ri]mi[ri] na cama da colega de qua[r/]to dela, que as duas dividem o qua[r/]to e tal, eram duas camas de solteiro, só que em vez de deita[ri] na cama da amiga dela, eu deitei di[ri]eto na cama da C[ri]is, e a C[ri]is tava do lado, e a gente ficou deitado po[r] um tempo, até que, enfim... né? A gente se beijou, e foi legal, e a gente se beijou e tal, e foi legal, e aí no dia seguinte, a gente ia tê uma festa que ia se[ri] a p[ri]meira festa que ela foi na vida, p[ri]meira festa da vida dela, e aí a gente foi, foi eu, ela, a Fabi, que é a amiga dela, que ago[ri]a é amiga minha também, né? Vi[ri]ou, desde então. E nós fomos, foi legal, a gente dançou, a gente se dive[r/]tiu, foi muito, muito bom. Quando a gente voltou da festa, a gente t[ri]ansou, pela p[ri]meira vez, e foi muito bom, foi ma[ri]vilhoso, eeee... eu lemb[ri]o bem, uma coisa que eu não esqueço desse fim de semana, é que, eu tava com saudade dela antes do fim de semana acaba[ri], eu nunca tinha me sentido dessa fo[r/]ma, a gente tava com saudade um do out[ri]o, mesmo estando p[ri]óximos, assim, po[r]que a gente sabia que ia chegá quat[ri]o da ta[ri]de do domingo e eu ia ter que pegar ca[ri]ona de volta p[ri]a São Paulo, eee, enfim, a gente ficou, foi muito bom, foi um fim de semana que a gente passou ficando, assim, foi bem gostoso, e desde então, a gente não se desg[ri]udou mais, eeee enfim, né, já não são mais tão “flo[ri]es” que nem e[ri]am antes, mas, éeee, aquele fim de semana foi muito, muito especial, acho que é o nosso fim de semana favo[ri]to, da nossa... da nossa histó[ri]a...”

3 REGIÃO DO INTERIOR (LARANJAL PAULISTA)

3.1 Márcio, 23 anos, Estudante de Direito, Laranjal Paulista

“Então, Guilherme, acho que uma memó[ri]a afetiva que eu tenho, e, inclusive, nessa época tenho muitas saudades, especificamente sobre inte[ri]o[ri] de São Paulo, po[r]que, embora nascido no inte[ri]o[ri] de São Paulo, tenha mo[ri]ado lá po[r] 18 anos até me aventu[ri]á aqui em B[ri]asília, minha família pate[ri]na é da Baixada santista, da p[ri]aia, então também tenho ótimas memó[ri]as afetivas da p[ri]aia, mas, especificamente sobre o inte[ri]o[ri] de São Paulo, acho que minha memó[ri]a afetiva mais fo[ri]te, de longe, é as festas juninas, ou de São João, né, que talvez La[ri]anjal, cidade bem pequena, 20 mil habitantes, seja o único evento de ve[r/]dadei[ri]a [ri]recreação, po[r]que o Ca[ri]naval lá é muito f[ri]aco, né, Natal cada um com a sua família, no novo idem, ago[ri]a, a festa de São João, a cidade inte[ri]a se [ri]eúne em to[ri]no daquilo, as cidades em volta de La[ri]anjal, é, pa[r/]am p[ri]a, p[ri]a apa[ri]ecer lá, e também pa[r/]icipá disso, e quando c[ri]iança, eu e[ri]a muito mais inte[ri]essado, cla[ri]o, em comê o máximo possível, muito mais inte[ri]essado em b[ri]ncar o máximo possível, muito mais inte[ri]essado... e tinha aqueles br[ri]nquedos itine[ri]antes, aquelas, pf, aqueles parque itine[ri]antes, tipo assim, um Ba[ri]co Viking, um, o pessoal

chamava um negócio que balançava de Samba, ti[r]o ao alvo, bate-bate, ca[r]ossel, enfim, tudo isso, quando c[r]iança, isso me brilhava os olhos, agora... a medida que eu fui c[r]escendo, fui ing[r]essando na ig[r]eja, também me, me e[r]a muito p[r]azeroso pa[r]ticipar da pa[r]te [r]eligiosa da coisa, também é muito fo[r]te, sendo festa de São João dia 24, inicia-se a novena no dia 15, né? E a gente semp[r]e ficava o ano intei[r]o na expectativa de pa[r]ticipa[r] dessa novena, né? No caso eu, como co[r]oinha, ou como se diz lá, minist[r]ante... então, essa pa[r]te rec[r]reativa, essa parte [r]eligiosa, eu como devoto de São João, acho que são minhas melho[r]es memó[r]ias do inte[r]ior[r] de São Paulo, La[r]anjal, e que eu sinto mais falta, especificamente nessa época do ano.”

3.2 Thaís, 23 anos, Dentista, Laranjal Paulista

“Oi, meu nome é Thais, eu tenho vinte e t[r]ês anos, sou do inte[r]io[r] de São Paulo, La[r]anjal Paulista, se tem uma coisa que me [r]emete muito, uma memó[r]ia muito afetiva, desse, desse cantinho, como -indetificável- de la[r]anjal fala, é o cantinho do meu B[r]asil, é uma cidade que t[r]az muita coisa afetiva, q-, p[r]incipalmente que tá na minha infância desde semp[r]e, é... são as festas de ba[r]ração, são as festas de santo, po[r]que tem muita ig[r]ejinha espalhada pela cidade, então tem semp[r]e muita festa de barracão, e é uma coisa que eu f[r]equente desde cedo, e é uma coisa que me [r]emete o inte[r]io[r], mo[r]ei quat[r]o anos em cidade g[r]ande, e o que me confo[.u]ta de te[.u] aqui é esse, é todo mundo ta[.u]’ junto, é te[r] aquele leilão, é te[r] aquele bingo, é... comida típica daqui, sempre um arroz com f[r]ango muito bom, então a comida, é uma memó[r]ia muito afetiva p[r]a mim, também, além de tudo, são os bai[r]os de sítio, que é o que me confo[.u]ta, é uma memó[r]ia muito afetiva, minha família que mo[r]a lá, é chegá aquele domingo e podê í pra casa da minha tia, fica[r] num luga[.u] pe[.u]to da natu[r]eza, ti[r]ano o caos da cidade, de fato, uma das memó[r]ias mais afetivas p[r]a mim, envolve isso, envolve a culiná[r]ia da cidade, as festas de ba[r]ração, as festas de santo, a festa de São João que acabou de passá, onde a p[r]aça fica cheia de ba[r]aca de comida típica, tem muita coisa, tem pa[.u]que de dive[.u]são espalhado pelo cent[r]o da cidade, então, esse tipo de coisa, faz eu se[r] apaixonada pelo luga[r] onde eu mo[r]o!”

ANEXO 2 – AUTOPERCEPÇÃO DOS FALANTES

1 REGIÃO LITORÂNEA

1.1 Felipe, 39 anos, Tradutor, Santos



Olá, meu nome é Felipe Abreu dos Santos, tenho 40 anos, sou natural de Santos, tradutor. A minha família por parte de mãe é majoritariamente de origem portuguesa. Minha mãe veio pra cá com 8 anos de idade, então ela não pegou muito sotaque, como minha vó e meu avô que moraram lá a vida inteira, né? E alguns tios... Eu sempre tive contato na minha infância com o português de Portugal, e acredito que em algum nível tenha influenciado o meu sotaque, principalmente

na pronúncia de algumas palavras que terminam com “e” e no “s”, mas eu não consigo dizer se há mais nuances aí, influenciadas pela língua portuguesa de Portugal. Nunca sofri nenhum tipo de preconceito quanto a isso, né? Existem as brincadeiras com os portugueses, né? Mas isso é muito mais cultural, e, no meu caso, pelo menos, nunca teve a ver com sotaque. Eu já tive um professor que falou que eu tinha bastante uma mistura, mas eu mesmo não consigo perceber mistura nenhuma. A grande diferença que eu vejo é na questão de vocabulário, né? É... O português de Portugal tem um vocabulário que às vezes soa muito culto, por conta de ser... não ser o que é usado corriqueiramente no português brasileiro, não que seja necessariamente culto, mas que parece... porque são termos que normalmente não se utilizam. Então, acredito que, o contato com esse tipo de vocabulário de certa forma enriqueceu meu repertório, e as pessoas obviamente notam uma diferença na forma como você fala, como você se porta, e, talvez, em algum nível, no sotaque, mas no meu caso, eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito quanto a isso.



1.2 Valclécia, 30 anos, Fotógrafa, Santos

Bom, vamos lá (risos). A minha forma de falar, eu vejo ela como uma mistura daqui, né? De São Paulo, com muitas palavras regionais, muitas gírias do nordeste, que antigamente eu tentava esconder e ficar com o sotaque paulista e hoje em dia não, hoje em dia eu não tento esconder porque é algo de orgulho. Quando mais nova, tiravam muito sarro, né? Na escola, é... se falasse alguma coisa, já bastava o meu nome ser diferente, por ser

um nome paraibano, né? Paraibano... regionalmente, né? Nomes que o pessoal coloca mais pra lá, apesar de não conhecer ninguém com o meu nome (risos), aí... O pessoal sempre já zoava o meu nome, iam acabar zoando a minha maneira de falar, então eu buscava não usar gírias, não usar nada. E percebi quando fui ficando adulta, eu fui deixando de lado e tendo mais orgulho da minha cidade natal, de onde eu nasci, de onde eu vim, e é isso... da minha região, né? E é isso... sobre ser estigmatizada, hoje em dia o pessoal fala mais “ai que sotaque gostoso”, “nordestina arretada”, mas antigamente não era assim, né? Acho que hoje em dia é mais tranquilo, por conta de toda essa luta que a gente tem, sobre... contra a xenofobia, estereótipos que não nos cabem mais... enfim...

2 CAPITAL E SOROCABA/GUARULHOS

2 Vitória, 25 anos, Estudante de Psicologia, São Paulo

Minha forma de falar, eu percebo que varia muito do contexto que eu tô, né? Se eu tô em Brasília há muito tempo eu começo a cortar o r de algumas palavras, sem perceber, e aí quando isso é percebido por alguém de São Paulo, aí eu começo a notar e volto a não cortar, e quando vou pra São Paulo eu também volto a falar o r mais carregando do que quando eu tô aqui. Então varia muito, assim, acaba sendo muito da convivência, com quem que eu tô falando. Agora a recepção... costuma a ser boa (?), mas estigmatizada também, então, ai, toda vez que eu falo que sou de São Paulo, ou então, “ai, você puxa o R, né? Você é da onde? De São Paulo, meu?” e sei lá o quê, começam a falar como se eu falasse muito “meu” e “ah, mano”, e eu não falo assim, né? É muito uma característica de quem é da região central de São Paulo, capital, e não de quem é de periferia como eu. É claro que tem umas coisas que sim, como puxar o r, e puxar o r da forma que eu puxo também, é mais pra periferia, mas não costuma ser ruim. Acho que falam num lugar muito as vezes de “ai, acho bonitinho como puxa o r”, mas quando tem essa estigmatizada, falam de tipo “ai”, de um jeito como se falasse “fresco”, “ai, nossa, falam de um jeito assim”, só que véi, eu não convivia com esse tipo de gente, eu falo mano, essa não é minha realidade, minha realidade é falar mano, falar muita gíria, e puxar o r, não falar “ai meu”, sei lá o que, com o nariz fanho, ou de um jeito característico que não é, sabe?



2.2 Dennys, 23 anos, Estudante de Audiovisual, Sorocaba/Guarulhos

A minha autopercepção a respeito da forma que eu falo, do meu dialeto e tal, eu entendo que a construção do meu dialeto, ela foi em parte consciente e em parte inconsciente. Consciente porque eu prezo muito do meu modo de falar, o meu sotaque, principalmente esse R puxado que eu tenho, que foi fruto de quando eu morei na Bahia, eu aprendi a falar lá, eu tinha um sotaque muito mais carregado, mais baiano, porque aprendi falar lá, e quando eu vim pra São



Paulo, com 6 anos, esse sotaque foi se perdendo, então eu quis desde muito criança, eu prezei por manter esse R puxado, esse R arrastado, e não um R enrolado meio caipirês que tem em São Paulo, principalmente no interior, onde eu morei por muito tempo, muitas pessoas falam porta, porteira, desse jeito e tal, mas outras pessoas, né, aqui em São Paulo, aqui na capital, já falam de outro modo, falam um pouco “porta” meio, quase como se a língua estalasse no céu da boca, e eu já arrasto mesmo, e eu sempre quis manter assim porque eu acho que é uma forma de ainda me manter conectado com as raízes da minha infância, por mais que seja uma cidade que hoje não me diz nada, não é uma cidade que eu pretendo voltar, onde tenho parentes, ou enfim, que foi a cidade de Saúde na Bahia, eu acho que diz respeito a minha origem, a minha linhagem, minha ancestralidade, e é algo que eu vivi, né? Diz respeito às minhas raízes, mesmo, minha vida, então eu quis manter, pra manter essa história comigo, e eu percebo que isso é algo que chama muita atenção das pessoas, principalmente quando eu morei em Sorocaba, que é uma cidade do interior de São Paulo, as pessoas faziam muitos comentários, alguns comentários eram jocosos, outros comentários eram de admiração ou curiosidade a respeito da maneira que eu falava e eu respeito que tem sim esse olhar diferente a respeito da maneira que eu falo, porque é isso, sudestino não acho, nem sudestino dá pra dizer, paulistano não acha que tem sotaque, e tem... pra caracas... então, é... esse espanto quando são confrontados, quando se deparam com outras formas de falar, e isso é muito, enfim... é muito curioso. Uma outra coisa que eu reparo da maneira que eu falo, e isso não diz respeito a sotaque e sim a dialeto, eu as vezes substituo

vogais por conta das referências que eu tive, por conta da criação, regionalismo, sei lá, mas por exemplo, né, aqui mesmo tô percebendo que estou falando sutaque, não sotaque, e aí, pra mim é mais intuitivo, acho que talvez seja essa palavra, mais confortável, falar sutaque, eu só percebi isso agora. Por que eu tô falando sutaque, sutaque, sutaque? Nem sei de onde isso vem. Outras palavras como, agora vai ser difícil pra lembrás, mas as vezes palavras que são com e e eu uso i no lugar, agora não consigo lembrar, me fugiu, se eu lembrar, eu mando em outro áudio. Outra coisa que pra mim é muito interessante em relação a isso, como eu posso dizer... é que as vezes eu absorvo um pouco fácil o dialeto das pessoas, e isso muda de acordo com o contexto. Se eu estou numa reunião com várias pessoas, eu mantenho a minha identidade, a minha personalidade, a minha forma de falar. Mas as vezes, se eu tô ali meio um pra um com alguém, tô conversando com alguém que tem outro sotaque, tem algum outro modo de falar, aos poucos eu vou absorvendo a maneira que essa pessoa fala, claro que não de uma maneira exata, onde eu replico isso perfeitamente, mas acho que de um jeito que cria uma ponte entre essa pessoa e eu. Acho que talvez isso seja a parte de uma tentativa de criar um ambiente confortável pra alguém, que acho que é um pouco que tenho dentro de mim desde sempre. Então acho que, acabo suavizando o meu dialeto ou incorporando o dialeto das outras pessoas, a maneira que elas falam, pra que ela talvez não se sinta, sei lá, estrangeira, pra que nós dois não sejamos estranhos um pro outro, sabe? É algo que eu já percebo já tem um tempo, e é algo curioso que eu não faço conscientemente, é sempre inconsciente, eu acho... acho interessante.

3 REGIÃO DO INTERIOR (LARANJAL PAULISTA)

3.1 Márcio, 23 anos, Estudante de Direito, Laranjal Paulista

É, então, sobre a minha percepção da minha forma de falar, é o seguinte, eu sou do interior de São Paulo, região sudoeste de São Paulo, e particularmente eu fui criado com, em boa parte, né? Do tempo assim, de infância, junto aos meus avós, e eles tinham o sotaque muito carregado, voltado pro caipira mesmo, uma coisa curiosa, até a dificuldade de falar “l”, assim, o “Sol” vira “Sór”, o sal, vira “sár”, era bem carregado, bem puxado, aí, isso certas vezes era motivo de gracejo em sala de aula, não levava muito pro lado pessoal, assim, não é uma coisa que me deixasse tão chateado não, não denominaria isso um bullying, mas uma brincadeirinha. Aí, eis que, saindo da escola pública, né, que é um ambiente mais plural, por assim dizer, indo pra uma escola particular, um contexto bem diferente do que eu tava habituado etc., aí eu falei “Não, vou ter que mudar algumas coisas. Talvez eu tenha que mudar algumas coisas, talvez meu modo de falar também tenha que ser alterado...”. Lembro de uma coisa importante que o pessoal me zoava, que eu falava igual aos meus avós, que não tem instrução nenhuma, né? Minha vó particularmente analfabeta, meu avô mal sabia ler direito, eles não falavam colocar, eles falavam “ponhar”, né? Então, põe aqui, põe ali, e tal, isso era motivo de piada, e eu falei “Não, algumas coisas eu vou mudar antes de ir pra uma escola particular, eu tenho que conseguir a bolsa, então eu tenho que parecer mais culto”, umas coisas de pré-adolescente essas inseguranças, né? Aí, eu falei “Não, vou tentar atenuar um pouco mais o meu sotaque”, aí eu gostava muito do sotaque gaúcho, aí eu comecei, em vez de falar por-r-ta, falar po-r-ta. Comecei a treinar, treinar, treinar, e aí foi mudando a minha relação com a fala, a forma que eu me expesso. Aí para além disso, para além disso, também foi determinante como meus parentes, né? Meus familiares do lado paterno se expressam, né? São do litoral sul, se eu não me engano, Santos, né? Então, é uma coisa, um chiado quase carioca, mas uma coisa mais quase gaúcha, uma coisa diferente, uma forma de falar que eu acho muito intrigante, gosto bastante, sempre tentei me inspirar também, uma coisa que distoava daquele contexto mais presente da minha vida que era o interior de São Paulo, do meu seio familiar, da minha mãe. É com tudo isso em mente que fui na escola particular tentando melhorar também o vocabulário etc., né? Aí eu percebi que o meu sotaque era um tanto distinto, foi nesses momentos de vestibulares, por quê... e certas ocasiões quando eu ia fazer vestibular em São Paulo, na FGV, por exemplo,



ou quando eu fui num evento da USP, sobre feira de profissões, e veja, em São Paulo, né? Muitas pessoas não me perguntavam se eu era do interior, me perguntavam se eu era do Paraná! “Cê é paranaense?” e tal “Porque, não, parece sotaque paranaense!”, porque é curioso, né? Ouvi isso em duas ocasiões, na FGV e na USP, ambas na capital paulista. Aí perguntei para o meu professor de gramática o porquê disso, eu comentei disso, por, mais talvez... tentar se expressar melhor e se fazer entender, que no começo as pessoas também tinham dificuldade de entender, talvez pela ansiedade, engoliam algumas palavras, enfim... “você expressa muito bem e muito assertivamente as vogais, deixando elas bem abertas, ao invés de suprimí-las, essa forma de deixar a vogal bem expressa, bem aberta, bem nítida, é uma marca do Paraná, fora o sotaque nosso que é do sudoeste paulista, próximo ao Paraná também!”, a terra é roxa, inclusive. Aí fiquei com isso em mente, né? Na capital paulista, né? Paulistana, e o pessoal considerar o sotaque paranaense. Eis que eu venho em Brasília, na UnB, mas em todos os lugares pelos quais passo aqui, as pessoas perguntam se meu sotaque é do Rio Grande do Sul, embora na cabeça das pessoas o sul seja uma coisa só, né? Sotaque de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, do Paraná, o sul paulista, tudo a mesma coisa, né? Quando não é! Mas muitas pessoas perguntam se eu sou gaúcho, sempre perguntam “seu sotaque é da onde?” e eu falo “quer chutar?” e noventa por cento fala gaúcho. Já teve gente que falou Portugal, teve gente que falou nordeste, gente que falou Minas Gerais, teve alguns poucos que acertaram “interior de São Paulo”, mas a grande maioria fala “Gaúcho!” ou “do sul!”. Sobre ser bem recebido ou não, acho que muito bem recebido, uma coisa que até gosto, quase uma marca, um charme, uma brincadeira, uma forma de quebrar um gelo, inclusive, nunca fiz questão de mudar, nunca fiz questão de perder, muito pelo contrário, acho que fui super bem recebido aqui. Aqui recebe como seria recebido como mudança social do mesmo local (estado) de Laranjal Paulista, essa foi a minha primeira mudança, aí minha primeira curiosidade veio em eventos na capital de São Paulo, mas aqui eu sou muito bem recebido, não vejo por que mudar. Então julgam bem, a percepção social é positiva, o pessoal até gosta, eu gosto também, não acho q’ meu sotaque seja do Rio Grande do Sul, mas fico lisonjeado pela comparação porque eu acho um sotaque muito bonito. Entre estigma e privilégio (risos), acho que fica longe do estigma. O único estigma que teve... no começo, Brasília é uma cidade muito maior do que Laranjal, precisamente, o DF é 100 vezes maior, né? 100 vezes precisamente, então, bem, no começo, por ser uma cidade muito maior com serviços e ambientes muito distintos em relação à Laranjal Paulista, o pessoal tava brincando “O Márcio é colono, o Márcio é colono, o Márcio é colono”, quando é brincadeira de turma, beleza! Agora, meu receio, o estigma de você estar num ambiente mais sério, mais

culto, mais, até pra termos pessoais, acadêmicos, menos sociais, por assim dizer, e ter um sotaque que lhe entrega sua origem, e a sua origem ser uma forma de depreciação, ou dúvida, de competência, ou de urbanidade. Sabe? Havia quase um bárbaro entre nós, um colono, um caipira, isso... carregava certo receio, “não é tão civilizado”, mas é um receio muito burro, aparentemente não me acarretou nada, então, eu até gosto, sem problema nenhum...

3.2 Thaís, 23 anos, Dentista, Laranjal Paulista

Bom, a minha forma de falar, pra mim sempre foi normal, sabe? É... eu senti muita diferença quando eu me mudei de Laranjal pra fazer faculdade. Fui mais pro interior de São Paulo, morei em Bauru por 4 anos, e lá o pessoal não fala tão “interior” quanto em Laranjal, é, puxando mais o r e tudo mais, então tinham piadinhas da forma de falar, chamavam de caipira, esse tipo de coisa, nunca vi como um problema puxar o r e tudo mais, mas era bem inconveniente quando as pessoas sempre ressaltavam a forma que eu falava, eu era a única aqui dessa região, e lá ninguém fala, lá o pessoal fala como em São Paulo, sabe? Bem mais... sei lá, não puxa tanto o r nem os como carioca, essas coisas, é difícil falar, né? A forma que a gente fala, assim. Pra mim sempre foi normal porque eu morei a minha vida inteira aqui, mas eu senti essa diferença quando eu morei fora. Eu achei que lá eu ia encontrar pessoas que falassem mais entre aspas “caipira” do que eu, mas não, no caso eu era a caipira naquele meio todo.

